

O B R A S C O M P L E T A S

TEIXEIRA DE PASCOAES

CANTOS INDECISOS

VIDA ETÉREA

E L E G I A S

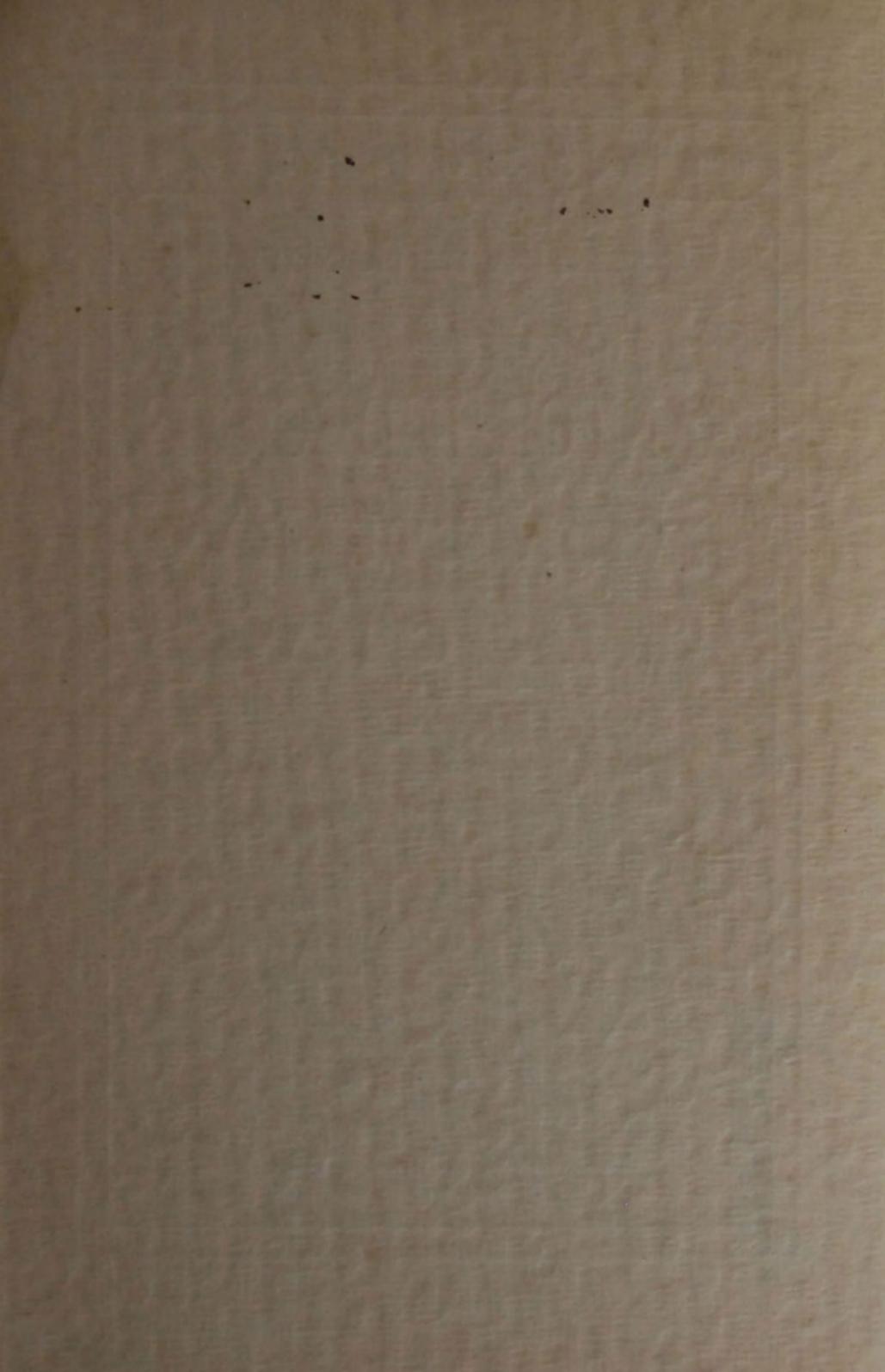
3.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA



Ao grande Pele
Fernando Pessoa,
Cumbuco, meu amigo de
Teixeira Soares,

CANTOS INDECISOS

VIDA ETÉREA

ELEGIAS

OBRAS COMPLETAS DO AUTOR

EM VERSO

- Vol. I — SEMPRE, TERRA PROÍBIDA
» II — AS SOMBRAS, O DOIDO E A MORTE, SENHORA DA NOITE
» III — CANTOS INDECISOS, VIDA ETÉREA, ELEGIAS
» IV — MARÁNOS
» V — REGRESSO AO PARAÍSO
» VI — D. CARLOS, CÂNTICOS, LONDRES

EM PROSA

- » VII — VERBO ESCURO, BEIRA (NUM RELÂMPAGO)
» VIII — O BAILADO, O POBRE TOLO
» IX — ARTE DE SER PORTUGUÊS, OS POETAS LUSÍADAS
» X — CONFERÊNCIAS E ARTIGOS
» XI — LIVROS DE MEMÓRIAS

OBRAS COMPLETAS

TEIXEIRA DE PASCOAES

CANTOS INDECISOS

VIDA ETÉREA

ELEGIAS

3.º VOLUME

(EDIÇÃO DO AUTOR)



LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS — LISBOA

Desta edição tiraram-se cem exemplares em papel avergado da Abelheira, numerados e rubricados pelo autor.

CANTOS INDECISOS

CANTOS INDECISOS

I

De olhos no Além,
Ergui, um dia, às nuvens, o meu canto,
Como outrora, absorvido em misterioso encanto,
A tardinha, rezava, ao pé de minha mãe.

II

O sol não vê a luz,
E não sabe que tem perfume a violeta.
E assim como o Senhor não conheceu a cruz,
Ignorante de versos é o Poeta.

III

Nasceu desta sombria e mística paisagem,
Meu pobre coração.
Dêstes soturnos montes sou a imagem,
Humanisada e triste.
Dentro de mim, existe
A mesma solidão,
As vozes e os rumores
Que no silêncio ondulam vagamente...

E o luar que desabrocha as doentinhas flores
De palidês tremente...
E essas estranhas linhas geniais,
Que uma árvore descreve,
Quando as congela a neve,
Ou quando a sombra desce aos campos outonais...
E aquela aspiração desconhecida,
Que murmura nas águas duma fonte
E acende uma pequena estrêla dolorida,
Nas cinzas do horizonte.

Minha maneira íntima de ser,
Eu sei que resultou
Desta paisagem, mística e saudosa,
E sempre a florescer,
Que da sua tristeza Deus criou.
Bebi, em criancinha, o leite duma rosa
E as nuvens me embalaram, nos seus braços ;
E o vento, peregrino dos espaços,
Eternamente a errar,
Pelas horas defuntas, entoava
Um cântico profundo...
E eu cada vez mais triste e pálido ficava,
Embebido na voz daquele ignoto mar,
Que, em certas noites, paira sôbre o mundo.

IV

Moças da minha aldeia, eu quero-vos ouvir
Cantar a minha história, ali, de manhãzinha,
Quando, no tôjo em flor, há lágrimas a rir
E um imenso clarão, ao longe, se adivinha.

Cantai-a, quando, à tarde, a lua vem da serra ;
E as árvores têm um ar de misterioso espanto.

E cantai-a também, quando adormece a terra,
Embalada por outro inatingível canto.

Cantai a minha história aos montes desolados.
Há de ficar mais triste a luz do vosso olhar.
E os vossos olhos são mais lindos marejados
De lágrimas, canções que não sabeis cantar.

A ouvir-vos, quedarei, perdido em mim, sòzinho,
Como, num êrmo escuro, a sombra de ninguém.
Ide tôdas cantando, ao longo do caminho,
Que dêste mundo vai por êsse espaço além.

V

Neste mundo, durante a nossa vida,
Todos nós esperamos, sempre em vão.
Sempre uma luz nos olhos acendida,
Em volta, sempre a mesma escuridão.
Sempre à vista da terra prometida,
Há de morrer o nosso coração.
E assim foi, desde a mais antiga idade
E assim será, por tôda a Eternidade.

VI

Lembranças que jámais se desvanecem
Os meus olhos tornaram marejados
De lágrimas, de sóis, a que se aquecem
Os que têm fome, os nus e os desgraçados...
São bemditas lembranças, que aparecem
Da memória nos longes encantados!
Divindades ocultas, no meu sêr,
Que hão de, à morte fatal, sobreviver.

VII

Agora, amo-te mais, minha saudosa aldeia,
Na agonia doirada e triste do arvoredado,
Quando, à tarde, aparece, enorme, a lua cheia
E, em tôda a Natureza, há um íntimo segrêdo.

Ó tardes outonais,
Onde repousa o Abril, desfeito em cinza e pó.
Queixumes e orações dos êrmos pinheirais,
Como eu vos ouço bem, quando me encontro só!

VIII

Ó meu triste jardim, abandonado,
Onde as fôlhas das árvores emurchecem
E um passarinho canta o meu passado.
Ervas, ortigas, verdes musgos crescem,
Nos passeios que as sombras humedecem.
Apenas, num canteiro desprezado,
Sôzinha flor, as pétalas abrindo,
Diante de mim, parece estar sorrindo...

IX

Amortallhada em oiro, a tarde vem.
Lembra a imagem de morta primavera,
Por tuas mãos, luar, moldada em cêra...
Depois, a noite surge, mais além :
Sonho negro da terra, vã chimera.
Ouve-se a voz confusa de ninguém.
Máguas remotas, no silêncio, falam
E há vagos sofrimentos que se calam.

X

Que murmúrios de luz embalam a paisagem!
O mundo adormeceu...
Paira ainda, no ar, doirada e vaga imagem,
Como recordação do sol que anoiteceu.

XI

A tua esbelta figura,
Comovida,
No crepúsculo esvaída,
É quasi só formosura,
Aparição.
Lembra o vulto da saudade
Que ao morrer a claridade
E ao nascer a lua nova,
Divaga à flor das cousas pobresinhas,
Empece às almas viúvas e sòzinhas,
Cuja vida é uma oração
Rezada, sôbre uma cova.

XII

Nesta casa de místico abandono,
Vivo, como se fôsse o próprio outono.

A minha sombra faz murchar as rosas
E anda nas altas nuvens lacrimosas.

Nas paredes, esboça escura mágua.
Cai, no velho sobrado, em gotas de água,

Que produzem um fúnebre ruído
De íntimo frio, solidão e olvido.

Abro a vidraça, e vêjo aquele monte,
Que tem humano vulto, no horizonte...

E debruçado, à tarde, na janela,
Sinto não sei que dôr, lembro-me dela.

Ela quem é, meu coração? Responde!
Nada me dizes. Onde mora? Aonde?

Quem sabe lá! Quem sabe se morreu!
Nunca existiu, talvez. Nunca viveu...

XIII

Noites da minha aldeia! Ó noites de luar!
Que silêncio! Que paz! Como se sonha bem!
E a nossa imagem vai, sempre a voar, a voar,
Perder-se, no Infinito, além de tudo, além...

XIV

Noites de tempestade clamorosa,
Quando o mundo é negrume e confusão
E soluça, no vento, a angústia tenebrosa
Que ouço, às vezes, gritar, dentro do coração!

XV

Na escura Imensidade,
Os astros reverdecem...

Cravos, lírios, jasmims de fogo e claridade
Que, sob um outro sol, germinam e florescem.

XVI

Estrêlas e planetas
De etéreo sonho cósmico brotaram.
Isso apenas entendem os Poetas,
Como é que os sóis os mundos fecundaram...

XVII

Minha boa janela, abandonada e triste,
Desbotada do sol, dos ventos e das águas ;
Tua velhinha côr somente agora existe,
Invisível, diluída em misteriosas máguas.

Ês um sentido, sim, que, um dia, alvoreceu,
Na face desta casa, antiga e dolorosa,
Minha boa janela aberta para o céu,
Como os olhos azues de Virgem piedosa.

E, por êste sentido, eu vêjo a minha aldeia,
Seus poentes, manhãs, seus verdes arvoredos...
E, nas noites de outono, a branca lua cheia,
Que põe um véu de sonho aos áridos rochedos.

Vêjo pobres pedindo e rudes lavradores,
E os anjos que, a voar, da terra se avizinham...
E os píncaros, azues e tristes, donde vinham,
À mesma hora da tarde, a lua e os pastores.

Desta boa janela, avisto estranhos mundos.
E ouço cantos de dôr, murmúrios e gemidos,

Êrmas vozes de além, silêncios moribundos...
Êste ar que se respira, é feito de ais perdidos...

XVIII

Vagos olhøs azues, fantástica donzela,
Imagem de alma e luar, vulto que se adivinha,
Encantada visão surgindo numa estrêla,
Perfil pintado a luz, nas sombras da noitinha.
Paisagem que se esboça, à triste lua cheia,
As lágrimas que chora uma recordação,
Velha manhã doirando o céu da minha aldeia,
O remoto, o indeciso, o amor, um coração...
Tudo o que vai morrer, em nuvens, pelo ar,
A esperança nascendo, em longes de chimera...
Tudo o que é um reflexo, um pálido luar,
Como, no frio inverno, a voz da Primavera.
Tudo o que é vago, incerto e fugitivo e aéreo,
Tudo o que, dentro em nós, só para Deus existe ;
Tudo o que jaz na noite imensa do mistério,
Que às cousas dá um ar profundamente triste.
Tudo o que se não vê, na clara luz do dia,
Tudo o que ao nosso brando olhar se anuviou...
Tudo o que fica além do sol e da harmonia
E tudo o que a distância, em névoas, esfumou...
Tudo o que é sonho etéreo, astral imensidade,
Altura dilatada em negra comoção,
Onde o amor se converte em mística saudade,
Onde a luz principia a ser escuridão...
O indefinido, a sombra, a nuvem, o apagado,
Os confins da memória e mais da nossa dôr,
Fizeram do meu sêr o espectro desgraçado
Que divaga, a chorar, nas brumas do sol-pôr.

XIX

Tarde de Outubro feita dos meus ais,
Rosas ardendo em febre, a delirar...
Queixam-se à lua os êrmos pinheirais,
Passa, por mim, o zéfiro a chorar.
Só vêjo ignotas sombras espectrais,
E põe-se negra a luz que me tocar.
E a imagem, nos meus olhos, duma flor,
Morre afogada em lágrimas de dôr.

XX

Solitário pinheiro desolado,
O que é que sentes? Dize. Que saudade?
Já que és da Primavera abandonado,
Eterna deve ser nossa amizade!
Ó moribundo! Ó êrmo! Ó fulminado!
Desvaira-nos a mesma tempestade!
Que tu sejas, um dia, o meu caixão,
E nele durma, enfim, meu coração.

XXI

Cousas fraternas, solitárias cousas,
Monumentos esfíngicos da Dôr,
Através minhas lágrimas saudosas,
Lembraís o vulto morto do Senhor.
Por vós, eu sôfro as ânsias dolorosas,
Em que damos ao mundo um novo amor.
Sois quieta, branda sombra adormecida,
Sou luz fébril, relâmpago de vida!

XXII

Cousas fraternas, cósmica lembrança
Da divina esperança,
Que se expande, num ímpeto infinito
E se condensa em formas de granito,
De terra e fogo, — as brutas formas belas!
E acende, na imperfeita criatura,
(Humanisada noite, com figura)
As almas, que são íntimas estrêlas.

A mais profunda e viva inspiração
Deixa, da sua enorme criação,
Em palavras de tinta, o resplendor dum verso.
Assim a esperança, eternamente a arder,
Seguindo etéreo rumo,
Vai deixando, no espaço, as formas do Universo,
Vagos sinais de fumo,
Recordações mortais do seu divino sêr.

XXIII

Para que foi, Senhor, que ao mundo vim,
Se eu nasci para amar unicamente
A mais sequinha flor do meu jardim
E o bailado das sombras, no poente?
Ó nuvem, que és um anjo para mim,
Para os outros, és nuvem simplesmente...
E vivo, nessa nuvem, deslumbrado,
Como escondido, ao longe, no Passado...

XXIV

Nesta loucura aflita do sentir,
Vive sempre meu pobre coração.
Se deseja ficar, tem de partir;
Quer ser de pedra e é todo comoção!
Quantas vezes, o encontro a repetir
Os ais, que espalha o luar, na solidão.
E como o doido vento, que o levou,
Só ama o que há de vir e o que passou.

XXV

Medroso e alvoroçado, vou andando
Nas alturas fantásticas do céu.
E que vertigens me desvairam, quando
Me inclino sôbre a luz que amanheceu!
Nesta gôta de orvalho, tremulando,
Há funduras, às quais ninguém desceu.
E que medonho abismo a nossa dôr
E um coração que tem, lá dentro, o amor!

XXVI

Na mística tristeza da saudade,
Sôbre a minha janela debruçado,
Vêjo os montes e os campos desta herdade,
Onde outrora vivi, tão descuidado...

Não sei que sombra misteriosa invade
Os meus olhos perdidos no Passado...
Declina a minha pobre mocidade
E sou como um fantasma desolado.

È funerária luz, que me alumia,
O sol que, dantes, sôbre mim, brilhava...
Nas cousas paira uma melancolia.

Este arvoredo tem um outro ar...
E, em tôda aquela dôr que me falava,
Há outra dôr que eu nunca ouvi falar...

XXVII

Alma desconhecida e onnipotente
Que sempre me dominas!
Oh, que impressão, oculta e transcendente,
O meu sêr estremece em vibrações divinas !

Não me descansas, coração, no peito!
Ouves o amor gritar!
Não há rio também que durma, no seu leito,
Anda sempre a chamar por êle a voz do mar.

XXVIII

Ó meu saudoso olhar enamorado,
Tu cantas, em silêncio, a luz duma canção,
Que apenas pode ouvir, na calma solidão,
A luz dum outro olhar apaixonado.

Ó meu saudoso olhar, que animas as paisagens,
Em ti, é claridade a essência do que existe.
Ês o corpo divino das imagens,
Humanisado e triste.

XXIX

Luz madrugante, luz bemdita,
Íntima luz a florescer,
Na minha noite, essa infinita
É negra noite do meu sêr...
Luz que pressinto, nas Alturas,
É brilha, em mim, sem eu saber.
Sorriso etéreo que fulguras,
Não és a luz do amanhecer,
Nem a que, à tarde, a um cemitério
Quer dar uns longes de viver...
Tu és a luz que eu vi nascer,
Secreta luz, luz do mistério.

XXX

Em tudo o que julgamos ser mentira,
Vive a presença oculta da Verdade.
Num coração amante, que delira,
Num astro, numa flor, numa saudade,
Naquele infindo sonho que me inspira,
Transluz inextinguível claridade.
Não há visão chimerica e ilusória,
Nem há vida que seja transitória...

XXXI

Só tem profundo olhar o nosso sentimento.
Para se descobrir a origem duma flor,
Não basta o raciocínio, o humano pensamento,
É preciso sentir por ela um grande amor.

XXXII

Minh'alma se concentra, às vezes, numa rosa.
E percorrendo-a vai, até que enfim alcança
O longínquo lugar, onde ela é uma esperança,
Ou primavera ainda em névoa luminosa.

XXXIII

Tenho, às vezes, saudades do futuro,
Como se êle já fôra decorrido...
Um sentimento escuro
De quem, antes da vida, houvesse já vivido.

XXXIV

A alma é vivo espelho imaterial,
Que tudo reproduz
Dum modo original,
Em que as formas se vestem de outra luz.
É como se donzela enamorada,
Que, sôbre um verde lago, se inclinasse,
Em vez da sua imagem retratada,
A imagem duma flor, nas águas, contemplasse.

XXXV

O poeta é um pobre doido, errando, sempre além.
Dêste mundo, a cantar, em vida, se desterra.
Anjo de Satanaz, anjo de Deus, que tem,
Na alma tôda a luz, no corpo tôda a terra.

XXXVI

Paisagens, céus, luar, nuvens, estrêlas, lagos,
Para quem não amar, é tudo uma chimera.
E só quem ama, alcança êsses espaços vagos,
Onde sentimos germinar a Primavera...

XXXVII

Amar é ver a Deus,
Porque êle está presente em nosso amor.
Quem ama, neste mundo, habita lá nos céus,
Quem ama, trás, ao lado, a sombra do Senhor.

XXXVIII

Quem te acendeu, estrêla solitária,
Que exalas, na penumbra, a luz da minha vida?
Voltarás, por ventura, à fonte originária?
Ou, em noite sem fim, divagarás, perdida?

XXXIX

Ao ver morrer o sol, num ermo pinheiral,
(Era eu criança ainda)
De repente, senti uma tristeza infinda
E sobrenatural...
E, desde então,
Vivo na mais profunda solidão;
E vivo no silêncio mais profundo,
E ouço falar, em mim, o espírito do mundo.

XC

O que é que eu vejo, nestas tardes tristes?
Que perfume se evola da paisagem!
Saudosa voz me diz que, na verdade, existes...
A flôr dos olhos meus, paira divina imagem.

XCI

E perco-me, a sonhar, naquela noite escura,
Em que meu coração é pequenina estrêla...
Ninguém olha para ela,
Não pode alumiá um mundo, com ternura.

XCII

Como a chuva traçou as linhas da montanha,
As lágrimas meu rosto modelaram.
Vi rústicas feições, duma aridez estranha,
Que, depois de chorar, tão brandas, se tornaram!

XCIII

Ó mistério! Ó mistério! És treva ou luz imensa,
Que nos deslumbra e cega e faz desesperar?
Ou negra névoa densa,
Quem nem dissipa Deus, a fim de se mostrar?

XCIV

Que destino terá meu triste coração,
Que a tudo o que há de belo, eternamente, aspira?

É qual o teu destino, ó voz duma oração,
Verdade que saiu dos lábios da mentira?

Tudo o que existe, é sombra enganadora.
É tudo uma chimera... a própria dôr!
É uma ilusão da Luz a luz da aurora
É o nosso amor uma ilusão do Amor.

Só descubro mentiras da Verdade...
Uma aparência vaga, uma incerteza,
Um simulacro astral da Natureza,
Pinturas vãs da eterna Claridade.

XCV

Ó pintora das luz, das sombras, do apagado,
Numa nuvem azul teu sonho se resume.
Se desejas pintar um lírio macerado,
Do teu pincel se exala apenas um perfume.

Intérprete da névoa e da melancolia,
Tuas paisagens são espíritos mais vagos,
Do que, antes de nascer o sol, a luz do dia,
Do que, ao nascer a lua, as árvores e os lagos.

Ó pintora ideal, que passas para a tela,
Das cousas materiais a essência transcendente,
A tua alma parece uma longinqua estrêla
E assim longinquo é tudo o que a tua alma sente.

Onde a côr terminou, começas a pintar.
O vago, o indefinido, o teu pincel traduz...
As máguas da neblina, a dôr crepuscular,
Sorrisos da penumbra e lágrimas da luz.

Visões surgindo, além... Imagens luminosas
De Ofélia e Beatriz que descem, lá do ceu,
Nas noites em que o luar pinta de branco as rosas
E a Saudade nos vem falar do que morreu...

XCVI

A lua nasce. Ao longe, ergue-se, altivo e triste
Da tristeza que além das lágrimas existe,
O céuro montanhês que a viu nascer.
E ao luar, que faz os mortos reviver,
Passa, por mim, um velho lavrador,
Curvado sob a enxada que lhe pesa...

Há disfarces assim da eterna Dôr,
Vestida de vèlhice e de pobreza.

XCVII

O luar, a cair na terra nua
Produce um som, chimérico, espectral,
Um éco sepulcral
Do sol, que enche de espanto as solidões da lua.

XCVIII

Na noite misteriosa,
A sombra enorme, olhai, de pequenina cruz,
Sinto, ao ver o palôr da lua silenciosa,
A saudade sem fim da verdadeira Luz...

XCIX

Quando, entre os pinheirais, a tarde se incendia
É um véu de etérea mágua envolve a minha aldeia,
E tocam as Trindades,
Não sei que infindo sonho aos astros me transporta ;
E, sôbre a terra viva, a minha sombra morta,
É feita de saudades.

Que funda comoção, de longe, me deslumbra !
Cada estrelinha de oiro é um beijo da penumbra
Que nos meus olhos arde.
Sou lágrima tremendo, ao vento que perpassa ;
Erma névoa de dôr, que, pálida, esvoaça,
Na palidez da tarde.

Eu sou como um fantasma, errante e dolorido.
E se uma fonte chora, eu choro comovido
As lágrimas das cousas.
Sofro a melancolia ideal dos arvoredos
E a ansiedade do mar batendo nos penedos,
Pelas manhãs brumosas...

Ó lobos do Marão! Poetas que, à lua, uivais
E arripiados de frio e fome, divagais,
Nos cerros de granito!
Como as aves, também adejo, sôbre as casas ;
E nos seus ninhos vivo e tenho as suas azas,
Cançadas do Infinito!

Dentro em meu coração, em névoa de tristeza,
Comigo, o mundo canta, e scisma, e chora, e reza,
E sonha o que eu sonhar.
Partiu donde eu parti. É igual o nosso rumo.
Descendo à cova, irei para onde vais, ó fumo,
Que sobes do meu lar...

C

Ai de vós que sonhais a vida eterna e pura,
Neste mundo, que é só miséria e imperfeição!
Em tôda a imensa e trágica Natura,
Não cabe o palpitar dum grande coração...

CI

A dôr é mãe da terra e mãe dos céus.
É tôda a viva realidade,
É aquela negra imensidade,
Além da qual existe Deus.

CII

Duma árvore que tomba, a golpes de machado,
E faz tremer de pânico a paisagem,
Fica, sempre de pé, não sei que vaga imagem
Do tronco derrubado.

Da avesinha que esvoaça, em nosso olhar,
E foge, de repente
Fica sempre, no Azul, a palpitar
Uma aza transcendente.

É primavera ainda a rosa que secou.
O sol que morre, deixa eterna luz,
Na lembrança de quem, chorando, o contemplou,
Pregado numa cruz.

É sempiterno o que pertence à vida.
Virgílio, eu ouço ainda o teu cantar bucólico...
Teu canto de amargura, Ofélia enlouquecida,
Há de, sempre, vibrar, no espaço melancólico,

CIII

A luz bemdita que eu procuro,
No mundo escuro,
Eu sinto que ela existe,
Em tudo o que me põe divinamente triste.

CIV

Quantas almas, Senhor, que, em outro espaço, habitam,
Comigo vem falar, na noite do Mistério!
Quantos rostos de luz os nossos olhos fitam,
Sem vermos, cá de baixo, o seu perfil etéreo!

Através do meu ser, que brancas nuvens vôam?
Que novo sol irrompe do Nascente?
E canto, de exaltado e prêso íntimamente
A espíritos de amor que todo o céu povoam!

CV

Porque é tão triste o lírio que murchou?
E o astro que se apagou?
E as almas caminhando,
Ao longo duma estrada,
Porque se quedam, tristes, lastimando,
Já próximas da Terra desejada?

CVI

Vou, trémulo de medo,
Por esta noite escura, à luz duma chimera.
Junto de mim, pressinto as sombras do arvoredo,
Que falam, com amor, a quem já nada espera...

CVII

Elevo, à tarde, os olhos para além.
Ouço, encantado, a voz de mística elegia.
Olho, em volta, ansioso, e não descubro alguém.
Donde vens, donde vens, chimérica harmonia?

CVIII

Assim como esquecido,
Vêjo cair as lágrimas do céu ;
E um astro a scintilar, no rio escurecido,
E o vento e o seu perfil de anjo que enlouqueceu !

Que impressão me comove, oculta e imaginária,
Diante da grande serra!
Que silêncio me invade a alma solitária!
E é todo pedra e terra!

Que suave tristeza, às vezes, me domina!
E que melancolia inédita e distante...
Aquela sensação de íntima luz divina
Que apenas tem a noite, ao ver-se agonisante.

No mundo escuro, paira um sonho imenso,
Qual imagem fantástica e impossível...
Na luz, no som, na flor, no que medito e penso,
Há o quer que é de vago, etéreo, inatingível.

Um sonho, um vago ideal, em tudo, existe ;
Sombra dum Deus em que minh'alma crê.
Fosse Deus que me torna iluminado e triste
E que me faz chorar, sem eu saber porquê...

CIX

Que novo amor te abraza, coração!
Em meus olhos, que nova claridade!
Uma lágrima é a nossa redenção.
E é tudo, tudo, a mesma Eternidade!
Acreditai até numa ilusão,
E nela encontrareis a realidade.
Acreditai em Deus, e logo Deus
Será, presente e vivo, lá nos céus.

1897-1900

VIDA ETEREA

ENLÊVO

Na espiritualidade da alvorada
Dum novo amôr,
É como branca névoa deslumbrada,
Meu coração em flôr.
Ele vive da límpida frescura,
Que o céu respira,
Quando a terra floresce de ternura
E quando a luz, Apolo, é o som da tua lira.

Luz, divina canção,
Que um deus, todo abraçado, entôa no Infinito!
Ouvindo-te, estremece a rocha de granito,
Vestem-se de oiro os cêrros do Marão ;
Têm um áureo fulgor os êrmos horizontes ;
E risos de alegria ardem na voz das fontes !

É um teu estado de alma, ó terra, cada sêr.
Um lírio é a tua graça...
E aquele passarinho, que esvoaça,
Na tristeza sem fim do anoitecer.

A criatura humana é um sentimento
Em que a terra desvaira, enlouquecida !
Nela, grita não sei que ignoto sofrimento,
A consciência trágica da vida.

Fantástico mistério!
Ês noite e claridade;
Fogo consumidor que, ao mesmo tempo, aquece...
Ês negra sepultura e berço etéreo.
Tens ímpetos de doida tempestade;
Teu silêncio, ao luar, é a sombra duma prece.
Das gotas do teu chôro salta o riso;
E o riso cai em chôro desolado.
Porque deu flôr e fruto a árvore do Pecado,
Na inocência infantil do Paraíso?

Ó terra, pesadêlo arrefecido,
Petrificada e viva confusão,
Além de ti, meu sêr é um canto comovido,
Pairando na amplidão.
Paira sôbre os conflitos sanguinários,
Sôbre os montes de bronze, onde troveja e neva...
Paira sôbre a tragédia dos calvários;
Suas asas de luz agitam-se, na treva.
Paira num sonho místico de encanto,
Inefável, divino...
No delírio do poeta e no enlêvo do santo,
Na embriaguez da sibila, em face do Destino...
Paira num vôo sagrado de harmonia,
Num extase profundo:
Assim a luz do dia,
Paira sôbre a miséria e a escuridão do mundo.

PAN

Ó Pan, deus da alegria,
Olha as ninfas, nos lagos, a cantar!
Olha Apolo semeando a luz do dia,
Áureo trigo que as almas vão ceifar.

Ó Pan, deus verdadeiro!
Tua presença os bosques ilumina,
Acendendo, no triste pegureiro,
Uma emoção divina.

Ó Pan, deus do arvoredo, alma da luz,
Teu corpo abrange a terra e o céu doirado.
Satan que floresceste a negra cruz
E estás, em sua flor, crucificado.

Cerca de verdes louros minha frente.
Tua rústica frauta vou tanger,
Sob um salgueiro, junto duma fonte,
A luz do amanhecer.

E que subam meus cantos religiosos,
Como aromas de flôr,
Dos vales deleitosos,
Onde, em chamas de lírios, arde o amor.

E, dispersos no azul do Firmamento,
Inunde-os de oiro o riso da manhã ;
E sejam, modelados pelo vento,
A imagem do deus Pan...

APOLO

Dos fumos da distância,
Etéreos e azulados,
Surge, vertiginoso,
Um resplendor de chama.
Há fogueiras queimando
Os longes ensombrados ;
Dir-se-ha que o nosso olhar tudo o que toca, inflama.

Abraza todo o espaço
Um fogo de delírio ;
Ao apagar-se, é pedra,
É homem e arvoredo.
Vejo um clarão, no Azul,
Que, em êrmo outeiro, é lírio.
Vejo um raio tomar as formas dum penedo.

Vejo o incêndio de tudo ;
E sinto o grande sol
Crepitar, no meu sangue,
Fulgir, dentro de mim,
Num velho tronco em flôr,
Na voz do rouxinol,
Derramar-se, na terra, em lágrimas sem fim.

Concentro-me na luz ;
Subo na claridade,
Que a imagem dêste mundo,
Aos outros mundos, leva ;
E vejo bem que desço
A uma profundidade,
Quando meu sêr alaga a inundaçãõ da treva.

A noite é a tua lira,
Ápolo, que emudece.
O dia é o som divino
E puro que ela exala.
Ouvindo-o, na planície,
O trigo amadurece ;
O lírio ri, na aurora ; à tarde, a água fala.

Tenho um sentido astral,
Que sabe distinguir
Tua alegre canção
De mística harmonia.
Meu sonho era poder,
Em versos, traduzir
Teu cântico de luz que os mundos extasia.

VENUS

Lá vai a aurora sorrindo,
Pelos céus,
Ao mar, na praia, dormindo
E às nuvensinhas de Deus.

Na água fria,
Divina imagem pousou!
Que alegria,
Por dentro, as ondas doirou!

Que frescura! Que fragância!
Vê-se quâse
Seu vulto de etérea gaze,
Na distância.

Todo o líquido horizonte
Sonha e dorme.
Mar enorme,
Tens a alma duma fonte.

Mas, de repente, exaltada,
Rola uma onda, e desfaz-se

Em branca espuma ; e, animada,
Venus nasce.

Seu corpo, virgem e eterno,
Sai da água que murmura,
Como do ventre materno
A criatura.

E, em derredor
Do seu corpo amanhecendo,
Esvoaça, doidamente,
O doido amor.

CIBÉLE

Inunda de harmonia a vibração da luz
O val em flôr de Pan e o hôrto de Jesus.
Um hálito de abril o espaço aromatiza.
Um calor voluptuoso acorda etérea briza,
Dilata suavemente o ar, que se enternece.
Venus sorri, no Olimpo, e o mundo reverdece.
No Azul, tontos de luz, beijam-se os passarinhos
E há sombras a beijar a poeira dos caminhos.
O luar beija o mar capaz de enlouquecer!
A noite beija o céu, que fica todo a arder!
E que alegria nimba as cousas inocentes!
Nas leiras, a sonhar, germinam as sementes.
A semente é uma vida, obscura e concentrada,
Que, à voz do sol, se expande em árvore sagrada;
Um cofre onde se oculta a essência misteriosa,
Que, em extase, abre a luz, a Psiché radiosa.
E sorri, para Deus, a face da paisagem;
Alteram-se, de manso, as ondas da ramagem,
Ondas vivas, que o vento agita, com brandura.
Para as flores de maio o vento é só ternura.
Marulham, tão baixinho, os rios, a fulgir,
Que, ao pé dêles, de certo, há ninfas a dormir.
As árvores sensuais, ébrias de amôr, ciciam.
Seus ramos, verdes mãos, os céus acariciam,
E listrados de fogo, aos zéfiros, lampejam,
E, à branca luz do luar, saudosos, rumorejam.

Explende, em cada fonte, um íntimo tesouro.
Como o Tejo de outrora, os rios levam ouro.
Nimbam as formas vãs fulgurações estranhas,
E que relêvo têm, nos longes, as montanhas!
Ouço alegres canções, murmúrios e rumores
E grita, num delírio, a nitidez das côres.

NOVA LUZ

I

Emana um fumo de alma o crepitar do lume ;
O incêndio duma flor dá a cinza do perfume.

O corpo duma onda é o líquido braseiro,
Que exala, no infinito, o branco nevoeiro.

A rama dos pinhais, onde o luar se perde,
Sobre os montes, espalha uma fogueira verde.

Nas formas dum penedo, há chamas escondidas,
Brilham, na noite escura, as rosas acendidas.

E cada lírio triste é rôxa labarêda.
A aurora leva a arder o hábito de sêda.

Há, no seio do orvalho, um riso incandescente.
A criatura humana é fogo intimamente.

É dêste incêndio, eterno e universal, se eleva,
Em orações de luz, o espírito da treva.

II

É tudo sonho e vida e comoção!
O sol é uma oração
Pelos velhos mendigos que têm frio!
E a piedade das sombras, pelo estio!
A nuvem religiosa
Mata a sede à paisagem sequiosa...
O luar perdôa à noite; e cada flor
É dádiva de amor.

III

Uma nova esperança as cousas alumia.
Surge, em cada perfil, a imagem da alegria.

Sobe, do mar salgado, o canto das neblinas.
Nos olhos duma pedra, há lágrimas divinas;

Nas árvores, ao vento, há gestos de piedade.
O zéfiro esqueceu a antiga tempestade

E o orvalho que sorri, contente, à luz da aurora,
Nem se recorda já que foi dilúvio, outrora!

Doirada comoção as águas enternece...
De tão impressionada, a noite resplandece.

O ar é transparência azul que se respira.
Um novo Maio faz a terra florescer.
Onda de vida nova aflora, em cada sêr,
E um novo Apolo vai tanger a nova lira.

O RISO

Ó riso, olhar de Apolo, pai do dia!
Luz ardente vestindo corpos virgens...
Ó riso, etérea fonte de harmonia!

Ó riso misterioso das origens,
Ó riso sempiterno do deus Pan,
Ó riso delirante das vertigens!

Ó riso, a luz sagrada é tua irmã.
Sempre que uns lábios puros vão sorrir,
Nêles, fulgura a estrêla da manhã.

Ser alegre é ser luz. Rir é florir.
Cravos na infância, rosas pequeninas,
São sorrisos de amor que estão a abrir.

Aureas chuvas de riso cristalinas,
Desenhando, nos bosques rumorosos,
Anjos de luz, aparições divinas!

Risos de oiro nos vagos céus brumosos,
Risos da aurora, orvalhos matinais,
Risos de flor nos troncos voluptuosos.

Riso das ondas, riso dos cristais,
Flocos de espuma, a rir, em tôsca frágua,
Ó riso intenso e frio dos metais!

Riso do sol que doira a nossa mágua ;
Lábios da noite acêso numa estrêla,
Lábios de nuvem num sorriso de água...

Riso da morte, ao luar, que se congela ;
Riso gravado a fogo, em névoa escura,
Beijo, a sorrir, nuns olhos de donzela.

Riso da branca neve, que fulgura...
Ó místico sorriso da Piedade!
Riso de sombra em trágica figura...

Risos da primavera! Nova idade!
Lírios que sois, nos vales, os primeiros
Enviados da divina claridade.

Riso aquecendo os tórvos nevoeiros...
Ó riso madrugante e solitário,
Riso anterior aos mundos passageiros.

Ou nas flores agrestes do Calvário,
Ou nas flores do campo, em tudo vêjo
O riso primitivo e originário,

O percursor da aurora e do desejo,
Da esperança e da lágrima dorida...
Nebulosa, no Azul, nuns lábios, beijo!...
Riso eterno de Deus criando a Vida!

IDÍLIO

A luz do teu olhar,
Funde meu corpo em sonho, em lágrima e luar!
Teu divino sorriso
É voz de anjo a mandar-me entrar no Paraíso...

Teu sorriso, que lembra a doce aurora,
Minhas lágrimas tristes evapora
E, nos meus olhos, fica a tua imagem bela...
Assim o fresco orvalho matutino,
Onde encantado vive o sol menino,
Deixa, nas brancas rosas, uma estrêla...

Ao descobrir-te, flor,
Todo me exalto e elevo, em cânticos de amor,
Perco-me, na amplidão...

Sou asa entontecida, aroma, comoção,
Se me tocam, de leve,
Os teus olhos de chama e as tuas mãos de neve!

Alegre, choro ; e rio, sempre aflito!
Canto, soluço e grito!
Sou oração, queixume,
Relâmpago, nevoeiro, onda do mar, perfume,
Quando, da tua face,
Límpida rosa nasce

E de ti se desprende o encanto da manhã,
Que é tua sombra mística e pagã ;
Quando, ao doirado zéfiro, estremeces
E, aureolada de beijos, resplandeces,
Como florido arbusto...
E és o sol esculpido em feminino busto.

Estrêla, bem-me-quer !
Imagem de mulher !
Deslumbra a noite, os montes incendeia
E a morta lua cheia !
Quebra as marmóreas tampas sepulcrais !
Que regressam à vida os corpos espectrais !
Liberta os arvoredos
E as ondas abraçadas aos penedos !
As almas embriaga ;
Sensibilisa a fraga
E as nuvens, a voar...
Embebe-te na luz e muda-a em dôce olhar.
Seja, no Azul profundo,
Lágrima a tremular e a scintilar o mundo ;
Enternecida esfera,
Tôda ela a palpitar de amor e primavera.

Estrêla, flor, mulher !
Mulher, ave a cantar, na luz do amanhecer !
Mulher, rio sonhando, ao longo das campinas.
Mulher, névoa tentando as asas matutinas.
Mulher, árvore piedosa.
Mulher, triste martírio, enamorada rosa !
Mulher, onda do mar bailando com o vento.
Mulher, brisa outonal, crepúsculo cinzento,
Imagem tôda luz da noite escura...
Mulher, esperança, dôr, amor, graça e candura.
Mulher, fonte que chora e que deseja,
Mulher, mulher, mulher, é a terra que o sol beija.

CANÇÃO DE MAIO

Os rios são de luz,
E de oiro são as fontes.
Ê de oiro o mar azul,
Que banha os horizontes.

O arbusto que rebenta,
Ê um Lázaro a quebrar
A tampa do sepulcro,
Ouvindo o sol chamar!

O aroma é tão intenso,
Em Maio, nos outeiros,
Que tolda os claros céus
De vagos nevoeiros.

A luz do sol caindo,
Alegre, sôbre a aldeia,
As pedrinhas do chão
E as águas incendeia!

Doira a face espelhada
E lívida dos mármoreis ;

E chuveiros de tinta
Esparge sôbre as árvores.

Crescendo, a côr alaga
O vale, o campo, a serra.
E já mal se distingue
O céu azul da terra.

ALEGRIA

A alegria do sol doira as campinas,
Brilha nas fontes cristalinas ;
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos,
Canta na voz dos passarinhos!

Vêde a alegria imensa de florir,
Dentro de nós, a rir...
Nas árvores, nos verdes matagais,
Lucilantes de chôros matinais.

Em clara seiva, pelos troncos, gira
O riso eterno da apolínea lira!
Ê a música das flores,
Em sons primaveris de vivas côres.

Luz, irmã da alegria
E da harmonia...
Doirada comoção indefinida,
Em que palpita o espírito da vida.

A alegria é donzela ;
A alegria é luz de alma e luz de estrêla ;
Relâmpago infinito,
Que deslumbra meu sêr, quando medito!

A alegria do sol doira as campinas,
Brilha nas fontes cristalinas,
Transluz no olhar dos meigos cordeirinhos.
Canta na voz dos passarinhos...

ÊXTASE

Estrêlas, como vós, eu ardo e me consumo.
Sou labarêda e fumo,
Em sonhos, me disperso
E fujo com o vento.
Sou êxtase, luar, deslumbramento.
A sagrada manhã doirou meu berço ;
E a Primavera, a rir as suas côres,
Cingiu-me num abraço iluminado a flores,
Beija-me etérea graça.
Canta, pousada em mim, a cotovia.
Eterna borboleta de alegria,
No encanto dos meus olhos, esvoaça.
E tudo me embriaga e me seduz!
Evolvo-me num cântico de luz,
Numa oração a Deus
E ao claro sol que anima a Natureza
E descreve, num gesto de belesa,
A curva musical que abrange o azul dos céus.

Vivo naquela altura esplendorosa,,
Lá, onde tudo é graça, enlêvo, amor infindo,
Comoção matinal de lágrima caindo
Sôbre um botão de rosa...
Quando um fulgor de aparição divina,
Que os negros cêrros banha,
Dissipa as frias névoas e ilumina,
Com lírios de oiro, o busto da montanha.

Através do meu sêr,
Passam anjos voando, astros a resplender,
A lua, a noite escura,
Dilúvios de ternura,
Sombras de almas que surgem retratadas
Na inquieta palidês das madrugadas...
Perfumes, ansiedades,
Visões de amor, longínquas claridades...
E, por milagre, alcanço intimamente
Indefinidos mundos radiosos ;
E todo eu vibro e canto heròicamente,
Sob influências astrais e beijos misteriosos...

PAISAGENS

I

Num pálido desmaio a luz do dia afrouxa
E põe, na face triste, um véu de sêda rôxa...
Nuvens, a escorrer sangue, esvoaçam, no poente.
E num êrmo, que o outono adora eternamente,
Vê-se vèlhinha casa, em ruínas de tristeza,
Onde o espectro do vento, às horas mortas, reza
E o luar se condensa em vultos de segrêdo...
Almas da solidão, sombras que fazem mêdo,
Vidas que o sol antigo, um outro sol, doirou,
Fumo ainda a subir dum lar que se apagou.

II

Como chuva espectral, a noite cai dos céus ;
Surge o negro Satan, desaparece Deus.
Apaga-se a harmonia, a voz cantando e a chama.
A cinza do silêncio o zéfiro derrama,
Na paisagem delida em vaga claridade.
O fantasma do sol paira na imensidade.
Quando nasce o luar, as fontes emudecem ;
Vegetações de sonho os campos enverdecem ;
Íntima comoção sensibilisa os mármore,
Espíritos astrais alvejam, entre as árvores...

Uma vida ideal, chimerica, deslumbra
As distâncias de névoa e os fundos de penumbra.
Chovem almas da bruma anímica da luz,
Divaga, pela terra, a sombra de Jesus...

III

Sôbre a paisagem êrma, arrefecida e nua,
A muda ondulação da escuridão flutua.
Onde a treva é mais densa, há gestos doloridos
E vultos, a chorar, que perdem os sentidos.
Uma chuva, miuda e triste, nos beirais,
Põe murmúrios de dôr, misteriosos ais...
De tudo a solidão extática dimana,
E parece que tem uma aparência humana
E uns olhos de terror, abertos, espantados...
As cousas são perfis apenas esboçados.
Entre elas e o Infinito há diálogos profundos,
Enche a noite sem fim a ignota voz dos mundos.

CANÇÃO ERRANTE

Dum cantinho dêste mundo,
Êrmo e triste, à beira mar,
Meu coração vagabundo
Vai, pelo mundo, a chorar.

Vai, percorre a noite escura,
Coração, luz do luar...
Lírio acêso de amargura
Que nunca se há de apagar.

Beija a chaga dolorida,
Teu amor a faz sarar.
Beija os lábios já sem vida
E voltarão a falar.

Adora, abriga, consola ;
Sê berço, caverna e lar.
Sê beijo, lágrima, esmola
E um pobrezinho a rezar.

Dum cantinho dêste mundo,
Êrmo e triste, à beira mar,
Meu coração vagabundo
Vai, pelo mundo, a chorar.

UM DIÁLOGO

O AMOR

Quem bate à minha porta?

A ALMA

Uma velha mendiga, quási morta.
Venho da escuridão da Natureza.
No meu saco de pobre, eu trago só tristeza.

Há séculos e séculos, errante,
Trémula sombra, ao vento murmurante,
Ando de corpo em corpo...

O mármore beijei;

O mármore glacial e lívido animei...
E em mística ternura,
Fundiu-se como, ao sol, a neve pura;
E ei-lo sagrada flor,
Turíbulo que exala aroma, vida e côr.

Percorri a distância,
Entre nocturna estrêla e a minha infância
E uma gôta de orvalho que reluz:
Lágrima refulgindo o espírito da luz.
E enlevei-me no sonho etéreo de amplidão
Que cinge, numa curva indefinida,
Indefinidamente distendida,
Os relêvos sem fim da Criação...

Fui nuvem, fui mulher ;
Fantasma divagando, à luz do entardecer.
Scisimei, no outono, à sombra dum cipreste.
Certa noite, parti, nas asas do *nordeste*...
Nas solidões da lua, errei, molhada em pranto ;
E ao mundo regresssei, quebrado o meu encanto.
Passiei tôda a estrada de luar,
Por onde vão os mortos, a cantar.
Reverdeci nas árvores maternais,
Brilhei na essência pura dos cristais ;
Líquida intimidade acêsa de esplendores,
Onde se banham, rindo, as sete côres.
Vi o céu pelos olhos das campinas,
Cobertas de boninas ;
Pelos olhos das cêrulas espumas,
Pelos olhos sonâmbulos das brumas.
Fui luarenta embriaguês, num rouxinol,
Perfume devorado pelo sol,
Astro que a negra noite sufocou
E, no seio das trevas, expirou...

Sou agora uma voz, lamuria de alma,
Um ímpeto de dôr na imensidade calma...
A terra, em mim, suspira
E tange etérea lira.
Em mim, a branca névoa é fria mágua...
Em mim, se converteu em lágrimas a água ;
E a luz naquele olhar, sinistro e mudo,
Que viu a morte, ai dêle! e a sombra vã de tudo!

O AMOR

Vens do infinito Além... Os teus vestidos
Trazem poeiras de astros acendidos
E escorrem gôtas de ouro ;
Estrélas que te queimam, ígneo chôro...

Ês o encanto perfeito, a formosura,
O espanto da Natura!
O teu perfil, chimérico e nevoento,
Parece aquele deus que se entrevê no vento;
A divindade oculta que deslumbra
Sacro bosque, onde cai a chuva da penumbra;
Génio velado em névoa transcendente
Que se avista, num rio, ao sol nascente;
O Cristo macerado e ensanguentado,
Na glória da ascensão transfigurado!

Alma, sombra de Deus, longe de Deus,
Sòzinha, a percorrer mundos, estrêlas, céus,
Errando, à triste sorte,
De corpo em corpo, isto é, de morte em morte,
Ó alma vagabunda e dolorida,
Vem a mim. Sou o amor que te dá vida.

ELEGIA DO AMOR

I

Lembras-te, meu amor,
Das tardes outonais,
Em que íamos os dois,
Sòzinhos, passear,
Para fora do povo
Alegre e dos casais,
Onde só Deus pudesse
Ouvir-nos conversar?
Tu levavas, na mão,
Um lírio enamorado,
E davas-me o teu braço;
E eu, triste, meditava
Na vida, em Deus, em ti...
E, além, o sol doirado
Morria, conhecendo
A noite que deixava.
Harmonias astrais
Beijavam teus ouvidos;
Um crepúsculo terno
E doce diluía,
Na sombra, o teu perfil
E os montes doloridos...
Erravam, pelo Azul,
Canções do fim do dia.
Canções que, de tão longe,
O vento vagabundo

Trazia, na memória...
Assim o que partiu,
Em frágil caravela,
E andou por todo o mundo,
Traz, no seu coração,
A imagem do que viu.
Olhavas para mim,
As vezes, distraída,
Como quem olha o mar,
À tarde, dos rochedos...
E eu ficava a sonhar,
Qual névoa adormecida,
Quando o vento também
Dorme nos arvoredos.
Olhavas para mim...
Meu corpo rude e bruto
Vibrava, como a onda
A alar-se em nevoeiro.
Olhavas, descuidada
E triste... Ainda hoje escuto
A música ideal
Do teu olhar primeiro!
Ouço bem tua voz,
Vêjo melhor teu rôsto
No silêncio sem fim,
Na escuridão completa!
Ouço-te em minha dôr,
Ouço-te em meu desgosto
E na minha esperança
Eterna de poeta!
O sol morria, ao longe;
E a sombra da tristeza
Velava, com amor,
Nossas doridas fronteas.
Hora em que a flor medita
E a pedra chora e reza,

E desmaiam de mágua
As cristalinas fontes.
Hora santa e perfeita,
Em que íamos, sòzinhos,
Felizes, através
Da aldeia muda e calma,
Mãos dadas, a sonhar,
Ao longo dos caminhos...
Tudo, em volta de nós,
Tinha um aspecto de alma.
Tudo era sentimento,
Amor e piedade.
A fôlha que tombava,
Era alma que subia...
E, sob os nossos pés,
A terra era saudade,
A pedra comoção
E o pó melancolia.
Falavas duma estrêla
E dêste bosque em flor ;
Dos cèguinhos sem pão,
Dos pobres sem um manto.
Em cada tua palavra,
Havia etérea dôr ;
Por isso, a tua voz
Me impressionava tanto!
E punha-me a scismar
Que eras tão boa e pura,
Que, muito em breve, sim!
Te chamaria o céu!
E soluçava, ao ver-te
Alguma sombra escura,
Na frente, que o luar
Cobria, como um véu.
A tua palidês
Que mêdo me causava!

Teu corpo era tão fino
E leve (ó meu desgosto!)
Que eu tremia, ao sentir
O vento que passava!
Cafá-me, na alma,
A neve do teu rosto.
Como eu ficava mudo
E triste, sôbre a terra!
E uma vez, quando a noite
Amortalhava a aldeia,
Tu gritaste, de susto,
Olhando para a serra :
— Que incêndio! E eu, a rir,
Disse-te : — É a lua cheia!...
E sorriste também
Do teu engano. A lua
Ergueu a branca fronte,
Acima dos pinhais,
Tão ébria de esplendor,
Tão casta e irmã da tua,
Que eu beijei, sem querer,
Seus raios virginais.
E a lua, para nós,
Os braços estendeu.
Uniu-nos num abraço,
Espiritual, profundo ;
E levou-nos assim,
Com ela, até ao céu...
Mas, ai, tu não voltaste
E eu regressei ao mundo.

II

Um raio de luar,
Entrando, de improviso,
No meu quarto sombrio,

Onde medito, a sós,
Deixa, a tremer, no ar,
Um pálido sorriso,
Um murmúrio de luz
Que lembra a tua voz...
O outono, que derrama
Ideal melancolia
Nas almas sem amor,
Nos troncos sem folhagem,
Deixa a vibrar, em mim,
Saúdosa melodia,
Dolorida canção,
Que lembra a tua imagem.
A noite, que escurece
Os vales e os outeiros,
E que acende, num bosque,
A voz do rouxinol
E a estrêla que protege
E guia os pegureiros ;
A lágrima do céu
Ao ver morrer o sol,
Acorda, no meu peito,
Infinda e etérea dôr,
Que à memória me traz
A luz do teu olhar...
Tudo de ti me fala,
Ó meu longínquo amor :
As árvores, a névoa,
Os rouxinóis e o mar.
Se passo por um lírio,
Às vezes, distraído,
Chama por mim, dizendo :
«Oh! não te esqueças dela!»
Diz-mo também, chorando
O vento dolorido.
Diz-mo a fonte, a cantar,

Diz-mo, a brilhar, a estrêla.
E vêjo, em tôda a luz,
Teus olhos a fulgir.
Como adivinho, em tudo,
A alma que perdi!
Não encontro uma flor,
Sem o teu nome ouvir.
Não posso olhar o céu,
Sem me lembrar de ti!
Por isso, eu amo o pobre,
O triste e a Natureza,
A mãe da humana dôr,
Da dôr de Deus a filha.
Meu coração, ao pé
Dum pobresinho, reza ;
Canta, ao lado dum ninho,
Ao pé da estrêla, brilha.
O meu amor por ti,
Meu bem, minha saudade,
Ampliou-se até Deus,
Os astros alcançou.
Beijo o rochedo e a flor,
A noite e a claridade.
São êstes, sôbre o mundo,
Os beijos que te dou.
Hás de senti-los, sim,
Dôce mulher de outrora.
Ó rôxo lírio de hoje,
Ó nuvem actual!
Como dantes, teu rosto,
A rosa ainda hoje cora ;
Beijo-te, sim, beijando
A rosa virginal.
Teu espectro divaga,
Ao longo dos espaços.
Teu amor, feito luz,

Desce do Firmamento.
Se abraço um verde tronco,
Eu sinto, entre os meus braços,
Teu corpo estremecer,
Como uma flor, ao vento.
Soluça a tua dôr
Nas infinitas máguas,
Que, no fumo da tarde,
Eu vêjo, além, subir...
E paira a tua voz
No marulhar das águas,
No murmúrio que sai
Das pétalas a abrir.
Se os lábios vou molhar
Nas ondas duma fonte,
Queimam meu coração
Tuas lágrimas salgadas.
E, quando acaricia
O vento a minha frente,
Eu bem sinto, sôbre ela,
As tuas mãos sagradas.
Quando a lua, no outono,
Envôlta em luz funérea,
Morta, vai a boiar
Nas águas do Infinito,
Doira meu frio rosto
A palidês etérea,
Que dantes emanava
O teu perfil bemdito.
Quando, em manhãs d'Abril,
Acordo, de repente,
E vêjo, no meu quarto,
O sol entrar, sorrindo,
Julgo ver, ante mim,
Teu corpo resplendente,
Tua trança de luz,

Teu gesto suave e lindo.
Descubro-te, mulher,
Da Natureza inteira,
Porque entendo a floresta,
A névoa, o céu doirado,
A estrêla a arder, no Azul,
A lenha, na lareira
É o lírio que, na cruz
Do outono, está pregado.
Falas comigo, sim,
Da dôr, do bem, de Deus...
Repartes o meu pão,
Amor, pelos cèguinhos...
E pelas solidões
Os pobres versos meus,
Como os pobres que vão,
A orar, pelos caminhos.
Ês a minha ternura,
A minha piedade,
Pois tudo me comove!
O zéfiro mais leve
Acende, no meu peito,
Infinda claridade ;
E a brancura do lírio
Enche meu sêr de neve.
Todo eu fico a scismar
Na louca voz do vento,
Na atitude serena
E estranha duma serra ;
No delírio do mar,
Na paz do Firmamento
E na nuvem, que estende
As asas, sôbre a terra.
Todo eu fico a scismar,
Assim como que esquecido,
Ante a flor virginal

E o sol enamorado...
Ante o luar que nasce,
Ao longe, dolorido,
Dando às cousas um ar
Tão triste e macerado.
Todo eu medito e scismo...
Um vago e etéreo laço
Prende-me ao teu imenso
E livre coração,
Que abrange o mundo inteiro
E ocupa todo o espaço,
E que vai povoar
A minha solidão.
Por isso, eu vivo sempre,
Em dôce companhia,
Com o pobre que pede
E a estrêla que fulgura ;
E assim, a minha alma,
Egual à luz do dia
Derrama-se, no céu,
Em ondas de ternura.
Sou como a chuva e o vento
E a sombra duma cruz !
Lira, que a mais suave
Aragem faz vibrar...
Água que, ao luar brando,
Em nuvens se traduz ;
Fruto que amadurece,
À luz dum claro olhar...
Pedra que um beijo funde
E místico vapor,
Que um hálito condensa
Em pura gôta de água...
Sou aroma que um ai !
Encarna em triste flor ;
Riso que muda em chôro

A mais pequena mágua.
Vivo a vida infinita,
Eterna, esplendorosa.
Sou neblina, sou ave,
Estrêla, Azul sem fim,
Só porque, um dia, tu,
Mulher misteriosa,
Por acaso, talvez,
Olhaste para mim.

DESLUMBRAMENTO

A vida é sonho, amor, exaltação,
Flama a irromper de eterna escuridão.
É lume a flor e a sombra amanhecendo.
A terra é carne, a luz é sangue ardente.
Gira líquida chama, em cada veia
E que alegria as nuvens incendeia!
Contemplai, sob os raios matinais,
O delírio e a vertigem dos cristais,
Entre scintilações, gritando e rindo,
Abrasados de luz, tremeluzindo!
No alvor da aurora, as aves resplandecem,
No coração do orvalho, sóis florescem,
No coração dos homens solitários,
Há Cristos a subir êrmos calvários.
Cantam as fontes, doidas de ternura;
Seu canto veste os montes de verdura!
E êsse infinito Vácuo tenebroso,
Quando o sensibilisa o sol radioso,
Sente grande prazer, grande alegria
E assim nos comunica a luz do dia!
E que loucura as ondas alevanta,
Quando o luar misterioso canta!
Ó mar, à luz do luar! Ó mar profundo,
Em chôros que se espalham sôbre o mundo!
Ó anjo imenso, que, na mão, sustentas
O cális da amargura e das tormentas!

Tudo é sonho e desejo ; céu e inferno.
Abrasa tudo o mesmo fogo eterno.
Vive uma estrêla oculta no rochedo,
Crepita a seiva ardente do arvoredos.
Tem pétalas de chama, a rosa, o lírio.
A substância das cousas é o delírio.
A vida não é mais que sentimento ;
Grande incêndio ateado pelo vento
Do mistério sem fim que esconde Deus
E enluta de negrume o azul dos céus !
A vida é uma rajada esplendorosa,
Perpassando e animando cada cousa...
Ê doido torvelinho, que se eleva
E rasga, de alto a baixo, a fria treva,
Desvendando figuras repentinas,
Formas do amor, aparições divinas !
Poetas, cantai, banhados no clarão,
Que alvorece da infinda comoção,
Que de estrêlas orvalha a Imensidade
E em meus olhos é lágrima e saudade...
Poetas, cantai a vida, o bem e o mal !
Consumi-vos no incêndio universal,
Que enche de labarêdas o Infinito !
E é Deus, talvez, num desespero ! Um grito
De Deus ! Grito de dôr incandescente,
Na eterna escuridão, eternamente !

DIVINA TRAGÉDIA

O Universo é infinita solidão,
Onde a sombra fantástica do ser
Divaga, numa eterna exaltação.
A vida é dôr. Sofrer é conhecer.
Só os olhos que choram, sabem ver.
A lágrima é que vê ; os olhos, não.
Os olhos são Calvário, negra cruz,
E a lágrima é presença de Jesus.

A FONTE

Por entre as pedras, onde o musgo cresce,
Uma fonte suspira e quási desfalece.
Vai tão magrinha! Por assim dizer,
É fio de água, pálido, a correr,
Abrindo uns olhos vagos de tristeza,
Como os olhos que pôs no céu Santa Teresa...
E moribunda sôbre a areia inclina
A face em que transluz uma expressão divina...

CÂNTICO

Ó criações da alma! Ó símbolos de luz
Da Verdade absoluta! Estrêla dos Reis magos!
Ascensão de Jesus!
Ó sereias do mar, ninfas dos lagos!
Ó sibilas, à entrada da caverna,
Num misterioso ataque repentino,
Interrogando aquela Sombra eterna
Que as estrêlas dirige e o mundo pequenino.
Doidas sacerdotisas espectrais,
Num trágico delírio,
Ouvindo a voz dos deuses imortais,
Como através dum sono aflito de martírio!
Profetas da Judeia, êrmos anunciadores,
Ímpetos de alma, a arder, sôbre o futuro incerto!
Ó lívidos perfis sulcados pelas dôres!
Leões de Jeovah bramindo no deserto!
Amante de Teseu perdida, em êrma praia,
Mais a deusa que faz o luar, quando desmaia...
E a mística mulher,
Que a Jesus Cristo deu, sorrindo, de beber...
Viviana e Merlin. Ó fadas madrugantes,
Estátuas de animado e esplendoroso mármore...
Espíritos de luz, longínquos, sempre errantes,
Que éreis, de perto, ó dôr, vèlhinhos troncos de árvore.
Chuva de oiro que outrora um ventre fecundou...
Ó Cristo no Tabor,

Quando extranho clarão teu corpo aureolou!
Ó Moisés, no Sinai, em frente do Senhor!
Eneias sôbre o mar que o vento encapelava...
Brutas rochas ouvindo a tua lira, Orfeu!
Ó barca de S. Pedro, onde Jesus prêgava,
Com sua mão direita erguida para o céu!
Ó entrada na triste e má Jerusalem!
Verdes palmas! Hossana! Ó doce jumentinho!
Ó sagrado perfil voltado para além...
Ó luminosos pés poeirentos do caminho!
Trágica sexta-feira! Ó túmulos abertos!
Escuridão sinistra e clamorosas máguas!
Ó coluna de fogo e névoa, nos desertos,
Espírito a boiar sôbre as profundas águas!

Não mais conceberás, humana criatura,
Estas lendas que são de sempiterno encanto?
Nunca mais sonharás, ó pobre terra escura,
Embalada por outro inatingível canto?
O teu rosto, já velho e encarquilhado,
Não há de florescer, de novo? Nunca mais
Primavera, alegria e sol anunciado,
Nem voz de oiro rasgando as trevas infernais?
Nunca mais se há de ouvir a música dos ninhos,
Em nosso coração, aberto à luz dos céus?
Nunca mais, nunca mais, na poeira dos caminhos
Há de flutuar, ao vento, a túnica dum Deus?

Ó símbolos perfeitos da Verdade,
O que resta da vossa claridade?
Que cinza será hoje a branca aparição,
Que Madalena outrora deslumbrou?
Que riso será hoje o pranto de aflição
Que, no Calvário, a Virgem derramou?
E que será de ti, Palavra misteriosa,
Que tu, Santa Cecília, em pleno circo, ouviste,

Quando terrível fera monstruosa
Lambeu as tuas mãos, ao ver-te suave e triste?
Essa palavra é hoje um murmurar de estrêlas,
A música divina em que se espalha a luz,
E o queixume das árvores, por, entre elas,
Ter existido uma árvore que foi cruz!
É o silêncio de amor
Que vive em cada grito;
O silêncio que aumenta o cântico da Dôr,
Para que êle se torne um cântico infinito!

Tudo o que teve o mundo, outrora, de divino
Refugiou-se, a tremer, nas almas dos rochedos.
Virgem, teu pranto é hoje o orvalho cristalino,
A tua fé, Cecília, ampara os arvoredos.
O teu sangue, Jesus, vertido no Calvário,
Da lâmpada dum astro é o místico alimento.
Pelo Azul, teu perdão vagueia, solitário,
Teu último suspiro é hoje a voz do vento.

Almas, que desejais um pouco de Verdade,
Procurai-a num lírio ou numa rocha dura.
Vivem, num ramo em flor, os gestos da ternura
E dêle cai, na terra, a sombra da piedade.

O CÉU

Ó céu profundo e virgem!
Val de estrêlas em flor, onde murmura a origem
Das almas e das cousas...
Refúgio azul das lágrimas saudosas,
Que alumiam a face do Senhor,
Infinita e invisível, como a dôr!

Tudo o que vai da terra, encontra-se no céu :
O riso que se apaga, a côr que anoiteceu
E o canto que fechára os olhos, moribundo...

Ê o ar que Deus respira, a dôr que exala o mundo.

A NÉVOA

Alvas brumas do norte,
Ó brumas encantadas,
Criai lendas de sonho,
Aparições de fadas ;
Castelos de luar
E tórres de marfim,
Onde ouve Viviana
A fruta de Merlim.

Brumas que amorteceis
O cântico do dia,
E em meus olhos deixais
Nódoas de cinza fria ;
E desenhais, no Azul,
Perfis de etérea mágua,
E paisagens de neve,
Em negros fundos de água.

Ó brumas que pairais,
Nas serras fragarosas...
Ó alvas mãos de espuma,
Acariciando as cousas...
Ó fantasmas de mães,
Vestidos de esplendores,
Que, nas manhãs de estio,
Amamentais as flôres !

Branças névoas que sois
Tão intenso luar,
Que afinal escurece
Em vez de alumiar.
E perdeis, na montanha,
Os ermos viandantes,
Quando os lobos, com fome,
Andam a uivar, errantes.

Ó brumas dilatando
O som, vaga matéria,
Em onda que se espraia
Até à luz sidéria ;
E, na mudez da noite,
Inunda o céu profundo
De preces, de canções
E gritos dêste mundo.

Alvas brumas do Norte,
Ó brumas encantadas,
Criai lendas de sonho,
Aparições de fadas,
Castelos de luar
E tórres de marfim,
Onde ouve Viviana
A frauta de Merlim.

OS ROCHEDOS

Há rochedos que são estátuas misteriosas.
Nós vêmo-los, além, nas serras arenosas,
Desenhados na tela em braza do sol-pôr...
Oh fronte que enrugou e empederniu a dôr!
Há rochedos que são perfis extraordinários.
Alguns, ao vir da lua, evocam os calvários.
Este, lembra dum Deus o mutilado tórso ;
Aquele, abre, de noite, uns olhos de remorso.
Outros, têm a atitude ideal de quem medita.
O rosto duns contrai uma expressão aflita
E nêles transparece um gesto de loucura.
A sombra duns, à tarde, é sombra de ternura.
Outros, rezam, ao vento, as máguas do luar...
Outros, dum alto cêrro, olham o céu e o mar.

AS ÁRVORES

Árvores maternais,
À luz do sol, em dias estivais,
O rústico mendigo,
Junto de vós, encontra abençoado abrigo...

Deita-se, a descansar
Do seu pesado e eterno caminhar,
Sob os ramos em flôr,
Que dão, à sua mágua, alívio, aroma e côr.

Porque a humana tristeza,
Perante a Natureza,
Embebe-se de azul, de cantos de ave
E se afasta, de nós, mais pálida e suave.

Ó árvores piedosas,
Pelas manhãs formosas,
Quando etéreo fulgor, que se anuncia,
Vossas lágrimas muda em risos de alegria.

Bemdito o vosso corpo imaculado,
A arder, num lar sagrado.

Bemdito o vosso fruto e flôr, que vem dos céus,
Minhas irmãs em Deus.

Que simpatia imensa
Me prende à sua angélica presença,
Onde, em cristais, retine a voz do rouxinol
E, em tinta verde, coalha a luz do sol!

E que infinita mágua
Eu sinto, quando o tempo, a escorrer água,
Como um fantasma esvoaça
E lhes despe a verdura, o mimo, a graça.

E têm vozes de chôro,
Nas ramagens, que agita um zéfiro de agouro ;
São suspiros de dôr, ais tristes de abandono,
A elegia do outono.

E êsse canto ideal
Satura-me de bruma espiritual ;
Dilue-me num crepúsculo sem fim,
E vivo para tudo e morro para mim...

AS AVES

Aves, sonhos alados,
Saem dos bosques inspirados.
Ninhos, casas de amor,
Sinfonias da luz, orquestras do Senhor.

Que louca inspiração
Sustenta as vossas asas, na amplidão,
Distendidas num vôo vertiginoso?
Voais, porque vos chama o céu misterioso.

As aves vôam, num encanto,
Semelhante ao do santo,
Que, no seu ermo, ao pôr do sol, medita...
Tudo sobe na luz chimérica e infinita.

E como os santos, padeceis
As dôres mais crueis.
Quem diz corpos alados
Diz corpos a sofrer, na cruz, martirisados.

A humana criatura,
Que tem da pedra dura

A falta de carinhos,
Persegue-vos, no ar, nos bosques e nos ninhos!

Crime terrível matar
Ave que vòta, a cantar!
Que negro horror, meu Deus,
Ver uma asa cair, como Satan, dos céus!...

A UMA OVELHA

Entre as meigas ovelhas pobresinhas,
Que eu guardo, pelos montes, uma existe
Que anda, longe, balindo, sempre triste
E vive só das ervas mais sequinhas.

Que presentes na alma? que adivinhas?
Etérea voz de dôr acaso ouviste?
Que foi que tu, nas nuvens, descobriste?
Não és irmã das outras ovelhinhas!

Sobes às altas fragas escarpadas,
E contempas o sol que desfalece
E as primeiras estrêlas acordadas...

E assim páras, a olhar o céu profundo,
Faminta dessa relva, que enverdece
Os outeiros e os vales do Outro Mundo.

A SOMBRA HUMANA

Quando passeio, ao longo dos caminhos,
Batem asas de medo os passarinhos ;
Escondem-se os reptis, no tojo em flôr.

Meu ser espalha um trágico pavor
Nas pobres criaturas,
Que, neste mundo, vivem, às escuras!

Avesinha fugindo ao ruído dos meus passos,
Se o que eu sinto por ti, acaso, presentisses,
Tu virias fazer o ninho, nos meus braços...

Virias ter comigo, ó pedra, se me ouvisses!

O MEU SEMELHANTE

Grito de dôr e amor! Primeiro grito,
Vibrando no silêncio do Infinito
E acordando, na sombra arrefecida,
Êsse impeto de sol e fortaleza
Que se condensa em corpos de belêsa,
Donde, tôrva de fumo, irrompe a luz da vida.

Relâmpago de amor que atravessaste
O Vácuo imenso, e as trevas dissipaste!
Eu que te sinto, em mim, relâmpago de Deus,
Bemdigo a luz que deste aos olhos meus!
Eu te bemdigo, em nome da criatura,
Da esperança, da graça e da ternura!

Homem, tu fôste a fraga calcinada!
E as lágrimas a rir da madrugada
Que, sôbre ti, choveram,
Tua inerte dureza comoveram!
E uma brandura de alma, flôr ao vento,
Surgira no teu rosto.
Ês a marmórea estátua, que um sol-posto
Inunda de tristeza e sentimento.

Ês o instinto, feroz e destruidor,
Feito divino amor!
Ês o leão raivoso, por encanto,

Feito poeta e santo!
S. Paulo, de repente, deslumbrado
Por um raio do céu! Leão santificado!
Ó fera que entendeste o espírito dos mundos
E a palavra radiosa
E misteriosa,
Que Deus diz, em segrêdo, aos santos vagabundos.

Homem, tu és a sombra embriagada
De luz sagrada!
O luar da ternura, o incêndio das paixões;
O esposo amante e lívido da morte,
O poeta da miséria, aos vendavais da sorte,
O pintor de fantásticas visões!

És mármore que um beijo a arder volatilisa,
Frio metal que um sôpro anímico eterisa...
És o extase, o sonho da Matéria,
Exalação de dôr, emanção etérea,
És a névoa infinita, a pura essência,
Que se evola do mar sensível da existência...
Névoa que sobe aos céus,
Quando a toca, ao de leve, um hálito de Deus.

OS CAVADORES

O outono, êsses desgosto das paisagens,
O claro céu defuma.
Surgem mortas e lívidas imagens
Boiando, à flor da bruma.
Os ermos pinheirais,
Nas encostas do monte, escurecidas,
São espectros nocturnos, a dar ais!
Choram de pejo, as árvores, despidas,
Por desvairadas mãos de tempestade!
Gela de dôr a fonte dos amores,
Ao ver a mortandade
Que o vento faz nas flôres!

Nos campos, enlutados de viuvês,
Mudo, trabalha o pobre camponez.
Chove da sua frente dolorosa,
Como da negra nuvem tormentosa.
Olhai: é a mesma água
Que mata a sêde à planta e à dura frágua,
E ao triste caminheiro do deserto,
Sob o lume a cair do céu aberto...

Trabalhai, meus irmãos! Sofrei, rezai, cantai!
Entregai-vos, em vida, à terra. Trabalhai!
Semeai campos e montes solitários,
Charnecas e calvários.
Que a seara floresça, em ondas de alegria,

Onde chorou Maria...
Nas solidões sem fim,
Ainda negras da sombra enorme de Caím!

Trabalhai com ternura.
Melhor que a enxada, o amor abranda a terra dura.
Melhor que o sol de Junho, a luz do vosso olhar
Amadurece o trigo, aos ventos, a ondular...

O poeta e o cavador! A pena é irmã da enxada.
A página dum livro é terra semeada.

Trabalhai, com perfeita devoção,
Como quem reza a Deus uma oração ;
Como o poeta sósinho, em noite morta, escreve
Versos de fogo, em páginas de neve!
O vosso esforço, irmãos, será fecundo.
Construí vosso lar, como Deus fêz o mundo...
Que êle assente no amor e na piedade,
E existirá por tôda a Eternidade.

Tu que tens o poder de converter, amor,
Uma gôta de seiva numa flôr,
E em musgo a rocha agreste,
E num suspiro de alma a brisa do nordeste...
E mudas, num deserto, à luz do dia,
Um Deus, verbo divino, em carne de agonia...
Sê tu, amor, a essência da obra humana,
O alicerce da rústica choupana
E o fumo que, sôbre ela,
Ao pôr do sol, flutua...
Abre a minha janela
À branca luz da lua,
E aos ventos espectrais
E às vozes dos nocturnos pinheirais...
Vem acender o fogo do meu lar.

Vem cozer o meu pão e urdir a minha teia.
Nas tuas mãos, segura a pálida candeia,
E vem-me alumiar.

Trabalho sem amor é improdutivo.
Sòmente é verdadeiro, eterno e vivo
O que produz o amor.
O mais é fumo e sombra e vão rumor...

MARINHAS

I

Navios de luar e sonho, que eu avisto
Em horizontes de água, enevoados.
Ó velas a tremer aos zéfiros doirados,
Com a imagem do sol, beijando a cruz de Cristo!

II

Extensos litorais,
Cheirando a maresia, aroma que é frescura.
Retratos da manhã, por entre a névoa pura,
Que se esgarça e desfaz na rama dos pinhais.

III

Ó luz, ó côr ardente da Harmonia!
Ó luz beijando as árvores,
Desenhando, nas fontes e nos mármorez,
Instantâneos acêsz de alegria!

IV

Vêjo através da bruma,
Velha nau, que se esboça em formas grandiosas,

No dôrso, a palpar, das ondas monstruosas,
Entre bafos de cinza e flocos de alva espuma.

V

Ó farolim da barra, que primeiro
Mostras o porto amigo aos navegantes!
Ó luminosa voz, em ecos tão distantes,
Verde luz a espreitar, por entre o nevoeiro...

VI

Velhos nautas! Ó deuses do Oceano!
Heróis da tempestade! Almas do nosso Canto!
Ó versos de Camões, tomando corpo humano!
Figuras de romance e misterioso encanto!

Eu vivo, como vós, na imensidão do mar,
A vida extraordinária
Duma vela, perdida e solitária...
Eu vivo, como vós, no vago e no infinito!
Eu ergo, como vós, as mãos para rezar!
Como vós, sôbre o abismo, empalideço e grito!

VII

Negras ondas em fúria,
Um de encontro às outras atiradas,
Como num doido ataque de luxúria!
Mastros a desabar, com trágico ruído!
Velas esfarrapadas!
E o mar galgando a ponte, enfurecido!
Perfis, que o mêdo horrível desfigura!

Gritos de angústia as nuvens trespassando!
Gestos do desespero, abraços da loucura!
Adeuses de fundir as brutas rochas!...
Depois, um drama horrendo que se esfuma...
Destroços flutuando,
Rebentações sinistras de alva espuma,
Sôltas tranças molhadas, faces rôxas,
Lívidas mãos crispadas de terror
E corpos, a boiar, donde fugiu a dôr...

AS ALMAS

Vejo passar, na infinda solidão,
Vultos de almas, figuras de emoção ;
Os poetas do silêncio que não cantam,
Os doidos que, de súbito, se espantam,
Os que gelam, ao ver o luar nascente,
Os que fitam a mesma estrêla, eternamente ;
Os perdidos da sorte,
Os que chamam, gritando, pela morte !
Os que andam, sem saber, pelos caminhos,
Os que de noite vão, sempre a falar, sosinhos ;
Os que vivem casados com a dôr
E a escondem, ciumentos ;
Os trágicos do Amor,
Os que sentem astrais deslumbramentos,
Os que matam e cantam, por destino ;
O salteador nocturno, o poeta que é divino.
Os tristes vagabundos,
Em perpétua e fantástica viagem...
Os que amam a paisagem
E têm nos olhos a amplidão dos mundos...
Vultos de almas, figuras de emoção,
Errantes, na infinita solidão.

PRECE

Almas gémeas da minha, humildes, ajoelhai
E as lágrimas alheias comungai.

Almas gémeas da minha, abri a vossa porta
À mendiga faminta e quási morta.

Almas gémeas da minha, olhai os passarinhos
E as ruínas, à chuva, dos seus ninhos.

Almas gémeas da minha, erguei as mãos, rezando
Ante o luar que nasce, abençoando...

Almas gémeas da minha, amai os arvoredos
E a extática tragédia dos penedos.

Almas gémeas da minha, amai o sol doirado,
E o seu sangue nas nuvens derramado.

Almas gémeas da minha, ouvi as tristes fontes
E os sapos tristes a chorar, nos montes.

Almas gémeas da minha, amai o sofrimento
Da noite escura, em que perpassa o vento.

Almas gémeas da minha, amai o lírio, a rosa,
E a sombra da tardinha lacrimosa.

Almas gémeas da minha, amai as criancinhas,
Nas ruas, a esmolar, enfesadinhas.

Almas gémeas da minha, olhai a criatura
Na solidão terrível da Natura!

Almas gémeas da minha, entrai com todo o amor,
Nos negros antros trágicos da dôr.

A CANÇÃO

Ouço cantar o rouxinol,
Quando, no Azul, se estende o teu sudário, ó sol.

E ouço cantar a cotovia,
Quando, em longinqua névoa, a aurora se anuncia.

Canta a donzela ao seu amor,
Quando surge, na sombra, a estrêla do pastor,

E eu ergo a voz, para cantar
Lágrimas que não sei, triste de mim, chorar!

Quando a paisagem nos encanta,
E a Saudade aparece e o seu perfil de santa.

PENSAMENTOS

I

Nas lágrimas de dor, scintila a minha imagem.
Num pobresinho lar, sou fumo que se eleva.
Meu espírito humano é o corpo da paisagem,
Chora, na minha sombra, o genésis da treva.

II

A luz do meu olhar acorda uma semente
E a faz crescer, florir...
E, dos montes azuis, começam a surgir
Os bosques que, ao luar, conversam vagamente.

III

Desperto, dentro em mim, como de manhã cedo.
Não sei que tórva aurora me deslumbra.
Vejo através da minha carne, essa penumbra,
Palpitações de luz, folhagens de arvoredos.

IV

A árvore que, primeiro, em solitária serra,
Viu, tomada de espanto, o sol nascer,
Quási que a sinto, em mim, dar sombra e florescer,
E lembro-me do tempo em que fui névoa e terra.

V

Vivo, diante das cousas, em delírio,
À luz do sol, tão crua,
Como, aos ventos, a sombra histérica dum lírio,
Projectada de encontro a uma parede nua!

VI

Sou o fantasma de tudo quanto existe,
A falar alto e só...
O deserto compoz outrora um poema triste
Que verteu para a língua humana o velho Job.

VII

A lira de Virgílio é o esbôço duma cruz.
Houve um lírio que foi o mestre de Jesus.

VIII

Uma sombra, no mês de Julho, é caridade.
O luar é luz do sol vestida de humildade.

IX

De que serve nascer?
Sentir divino amor, para depois morrer?
E a luz que, em nós, brilhou, que será feito dela?
Acaso se converte numa estrêla?
Ou numa pobre imagem decaída,
Perpetuamente, a errar, longe da vida?

X

O mal é, por ventura, a essência do Universo?
Satan, em cada ser, existirá, disperso?
Mas como interpretar a vinda de Jesus
E este vôo imortal das almas para a luz?
Cecília, o teu amor, é filho do delírio?
Donde vem o prazer terrível do martírio?
Inconscientes serão ou loucos desvairados
Os grandes Cristos, a sonhar, crucificados?
Quem sabe distinguir o bem do mal?
O grito do ódio e a prece virginal
Chegarão, como um pálido clamor,
Idêntico e apagado, ao trono do Senhor?

XI

O homem é o Universo consciente.
Pelos seus lábios, fala a pedra e o nevoeiro.
Por isso, o que êle sente
De mais longínquo e vago é que é mais verdadeiro.
Seu vulto principia
Em nocturna matéria, que termina
Num sonho de harmonia,
Numa nuvem astral, numa emoção divina.

XII

A alma, eis a verdade ; a vida espiritual,
Não revelada ainda...
Doirada sugestão, silêncio matinal,
Escura luz infinda.

XIII

A forma, eis a aparência :
A imagem desenhada em tintas mentirosas ;
Superfície inconstante da existência,
Relevos da ilusão fingindo dar as cousas.

XIV

Ouçõ, no frio outono, as flôres expirar.
A pedrinha do chão é lágrima, ao luar.

XV

O verbo de Platão é o canto das esferas.
Sorri no velho Horácio a luz das Primaveras.

XVI

Poetas, interrogai as almas da Natura,
O vento, a pedra, a névoa, as ondas do Oceano ;
A alegria da aurora, a fonte que murmura,
A tristeza divina e o sofrimento humano.

XVII

Uma lágrima explica a estranha Criação.
Profundai-a, e vereis a misteriosa origem
Dos mundos e dos sóis. E um grito de aflição
Deixa-nos surpreender, ó luz, teu corpo virgem!

XVIII

A vida é redenção. A noite é mãe do dia.
Através do Universo, avista-se uma cruz.
Quem sofre, resplandece. A lágrima alumia.
Ó dôr, riso de Deus e pranto de Jesus!

SILÊNCIO E SOLIDÃO

Silêncio e solidão, estados de alma
Dos saudosos outeiros,
Sôbre os quais, como um lago, ondula a noite calma
E a distância a chorar, envolta em nevoeiros...

Concentração dos montes enigmáticos,
Extase em que mergulha a Natureza,
Os verdes pinheirais, sonâmbulos, scismáticos,
Que mamam na neblina o leite da tristeza.

Ignotos sentimentos,
Transfigurando os píncaros da serra...
E de sombras povôam tôda a terra
E dão humana voz aos lacrimosos ventos...

A solidão é mágico licor
Que embriaga o poeta e o faz sonhar, cantar.
O espectro do Universo, o fantasma da dôr,
Só, num êrmo sem fim, conosco vem falar.

Ó silêncio divino, em horas de ternura!
Luz que dissipa a névoa azul dos céus,

Mostrando-nos a imensa e indefinida altura,
Onde architectam sóis as mãos de Deus!

Silêncio e solidão, perfume etéreo
Que as almas extasia...
Sois a sombra envolvente do Mistério,
Sois o fumo que o sol exala, na agonia.

Silêncio e solidão, poços profundos
Donde tirou Jesus
A água lustral que purifica os mundos
E mana duma fonte aberta aos pés da cruz...

Água que Deus bebeu,
Nos áridos desertos que êle amava,
De joelhos na terra, olhos no céu,
Tendo no coração a Humanidade escrava.

Desertos criadores,
Erma e fecunda areia...
Cinza morta que dá divinos esplendores,
Planícies onde, ao vento, a seara eterna ondeia...

Ó branca imensidade resequida!
Sagrados areais,
Onde as almas são vultos materiais,
Onde encarnou no ser o espírito da Vida!

Silêncios transcendentés,
Infundas solidões,

Onde andam, ao luar, vagas aparições,
Os loucos e os videntes...

Ó silêncio da dôr!
Ó solidão do amor!
Silêncio matinal que os frios campos banha...
Ó solidão do mar e da montanha!

Solidão do crepúsculo infinito!
Ó silêncio que fôste um doloroso grito,
Quando a aurora raiou
E a vez primeira o espaço deslumbrou!

Ó solidão da lágrima divina
Que as trevas ilumina,
E desabrocha as flôres,
E nasce dos teus olhos, Mãe das Dôres...

Ó silêncio do outono! Ó fôlhas amarelas
Que o vento, ao pôr do sol, rouba do meu jardim!
Quando se ouve cair o orvalho das estrêlas,
Na escuridão que paira, à noite, sôbre mim.

Ó solidão dos ermos horisontes!
Ó silêncio das fontes,
Quando a lua aparece e encanta os arvoredos,
As ondas e os penedos...

Ó solidão das ruínas misteriosas!
Ó silêncio das eras fabulosas!

Ó solidão do inverno!
Ó silêncio da morte sempiterno!

Silêncio e solidão ;
Pessoas da Saudade,
Velai, velai, meu triste coração,
Por tôda a Eternidade.

PIEDADE

Piedade para o triste que moureja,
Ao sol ardente,
Quando nem ave canta ou fôlha rumoreja
E a terra se ergue em poeira incandescente.

Piedade para a trágica mendiga,
Que bate à nossa porta,
Cheia de angústia e de fadiga,
E pálida de ver, horror! a noite morta.

Piedade para as ermas criancinhas
Que esmolam, pelas ruas!
E descalças, famintas, quási nuas,
Que mãos elas estendem, tão magrinhas!

E sopra o frio vento, a clamarar,
E cai a fria chuva,
Como lágrimas de orfã e de viuva...

Na imensidade negra, ouve-se Deus chorar...

HUMILDADE

Homens, sêde a humildade.
E porque? Porque sois a vã fragilidade;
Nuvem que se dissolve, de repente;
A forma transitória que nos mente.
Vosso corpo é formado
De terra e sol doirado.
E tudo o que pensais,
Vem da terra, das pedras, dos metais,
Do fogo, a crepitar,
Da névoa, etérea mágua;
Do orvalho que scintila, extático, ao luar:
O espectro dum sorriso aberto em flamas de água...

Homens, se não sois mais que miserável planta,
Que rasteja, na sombra e, comovida, canta;
Do que o pó resequido dos caminhos...
Se não sois mais que a flôr e os montes pobresinhos,
Sêde humildes; baixai à vida, ingénua e pura,
Da fonte que murmura...

Que, em vosso pensamento,
Haja brumas levadas pelo vento,
Rosas corando, ao sol,
Canções de rouxinol!
Em vossa dôr cristã,
Desponte a clara estrêla da manhã!

Que, na vossa ternura madrugante,
A cotovia cante!
E, em vosso coração enamorado,
Se desvende Jesus crucificado...
Que, na vossa tristeza,
Viva, como num sonho, a Natureza.
Cada perfil agreste
Apareça banhado em luz celeste.
Que, em vossos olhos loucos de anciedade,
Onde há nuvens de negra tempestade,
Se desenhe o teu arco, a sete côres,
Ó Iris, que, ao voar, enches o céu de flôres!

Sêde o luar das almas piedosas,
O silêncio das noites misteriosas.
Sêde a lenha do lar, o azeite da candeia,
O caldo e o pão da ceia,
O orvalho matinal que bebe um passarinho
E pequenina flôr, à beira dum caminho...
E o sorriso de Abril, na face das paisagens,
E a verde luz que sai das trémulas folhagens.
Sêde um anjo, nas nuvens, entrevisto...
Sêde, em pleno deserto, a túnica de Cristo...
A terra que suspira e scisma, condoída,
E, sob os nossos pés, parece que tem vida.
Sêde o trigo da eira, os astros do Infinito
E, às horas da tardinha, as rezas do Bemdito.
E aquela Sombra etérea que se esconde,
Dentro de nós, remota, não sei onde...
E aquele facho acêso que divaga
Na escuridão, e, ao vento, não se apaga,
E transfigura e exalta quem o leva,
E dêle faz um Deus dominador da treva!

Sêde, irmãos, como as fontes a cantar,
Nas fragas duma serra;

Como os rios, que abraçam tôda a terra
E como a luz do sol que beija todo o mar!

Sêde, em beleza, amor e perfeição,
A eterna Criação...

Não te esqueças, humana criatura,
De que a tua mais leve desventura
Enluta, de alto a baixo, o céu profundo!
E há lágrimas que são dilúvios para o mundo...
E há cantigas de rústica harmonia
Que se espalham na noite, e logo nasce o dia!

Sou poeta, quando entendo a voz do vento,
E me vêjo fantasma e sentimento.
E vivo e não existo,
Como outrora, entre os homens, Jesus Cristo...
E ouço a elegia branca do luar,
E os suspiros da luz crepuscular,
E a voz das ondas embalando as velas,
E êsse canto de estrêlas,
Na infinda escuridão!
E sou, eu mesmo, aquela solidão,
Êste íntimo abandono,
Em que medito e scismo...
E sou a primavera e o desolado outono!
Espaço azul e negro abismo,
Chama que me consome,
Doida piedade, angústia, sêde e fome,
Terra estéril e miséria,
Sombra infernal
Divina luz etérea,
Rosa que é só brancura matinal...

Sou poeta, quando as cousas me enternecem ;
E, diante dos meus olhos, aparecem,

Tão vivas duma nova realidade,
Como se Deus, mostrando a sua face,
Encantado, sôbre elas, projectasse,
Além da luz do sol, uma outra claridade...

Há horas em que o mundo, de repente,
Fantástico se torna e surpreendente!
E é tudo uma oração indefinida,
É tudo amor e vida...

ÚLTIMA COMUNHÃO

Olhos cèguinhos de aflição,
Perdidos na infinita escuridão...
Olhos, queimados pela dôr,
As pálpebras abri à luz do amor.

Ouvidos, surdos e apagados,
Desertos de silêncio ilimitados ;
Escuros sóis, mortos de dôr,
Extáticos, ouvi a voz do amor.

Lívidas mãos, já cadavéricas,
De fria neve, ó pétalas chiméricas...
Mãos de agonia, mãos de dôr,
Abençoai o amor.

Bôcas famintas, denegridas,
Nos incêndios da febre, consumidas ;
Lábios com fel, bôcas de dôr,
Abri-vos, recebei o pão do amor...

A MORTE

O nosso corpo é estrêla,
Que vai arrefecendo
E escurecendo,
Para que nêle surja uma outra luz mais bela,
A luz espiritual.

É preciso baixar à negra sepultura,
Para que a humana e pobre criatura
Alcance o eterno amor.

É preciso sofrer o último estertor,
Chorar a lágrima final...

ETERNIDADE

Eu que sou frágil, transitório e vão,
Que projecto, no mundo, a sombra duma cruz...
Que sou a desventura, a morte, a escuridão,
Sinto brilhar, em mim, a eterna luz.

Eu que sou a miséria,
A lágrima que tomba desolada,
Conheço bem que existe uma ansiedade etérea
Que arde na minha noite e a deixa iluminada!

Eu que sou frio mêdo e trágico pavor,
Barro amassado em água de tristeza,
Alma, que é a mãe da dôr,
Ouço, nos lábios meus, a voz que canta e reza.

Meu frágil sêr, que se traduz em gritos,
Meu corpo que se apaga, num momento,
Presente, para além de espaços infinitos,
Ideal deslumbramento!

Eu que sou a aridês, a lívida secura ;
O inverno, que, a chorar, se desespera,
Vêjo alvorear, crescer, em longes de ternura,
Divina primavera!

Eu que sou a poeira miserável
Que ergue o vento da Via Dolorosa ;
A doida angústia a nada assemelhável,
Vêjo nascer de mim a esperança radiosa !

Eu que sou o derradeiro e pálido gemido,
O sangrento suor gelado da agonia,
Sinto meu coração, liberto e redimido,
A luz dum novo dia...

O POETA

I

Ninguém contempla as cousas, admirado.
Dir-se-há que tudo é simples e vulgar...
E se olho a flor, a estrêla, o céu doirado,
Que infinda comoção me faz sonhar !

É tudo para mim extraordinário !
Uma pedra é fantástica ! Alto monte
Terra viva, a sangrar, como um Calvário
E branco espectro, ao luar, a minha fonte !

É tudo luz e voz ! Tudo me fala !
Ouço lamúrias de almas, no arvoredado,
Quando a tarde, tão lívida, se cala,
Porque adivinha a noite e lhe tem mêdo.

Não posso abrir os olhos, sem abrir
Meu coração à dôr e à alegria.
Cada coisa nos sabe transmitir
Uma estranha e chimérica harmonia !

É bem certo que tu, meu coração,
Participas de tôda a Natureza.
Tens montanhas, na tua solidão,
E crepúsculos negros de tristeza !

As cousas que me cercam, silenciosas,
São almas, a chorar, que me procuram.
Quantas vagas palavras misteriosas,
Nêste ar que aspiro, trémulas, murmuram!

Vozes de encanto vêm aos meus ouvidos,
Beijam meus olhos sombras de mistério.
Sinto que perco, às vezes, os sentidos
E que vou a flutuar, num rio aéreo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade,
E lágrima voando e alada cruz...
E rasteirinha sombra de humildade,
Que é, para Deus, a verdadeira luz.

II

Eu sou bemdita esmola, ó pobresinhos!
Meu coração é fonte que se alegra...
Vinde beber, cêguinhos;
Matai a sêde negra!

Sou velho tronco, a arder, homens gelados!
Ó trevas, vinde a mim: sou claro dia.
Sou perdão: vinde a mim, ó condenados!
Ó tristes, vinde a mim: sou a alegria!

Meu pranto é dôce orvalho, murchas flores.
Sou a luz do luar, ó noite escura!
Sou bálsamo suave, ó negras dôres!
Ó pedras, vinde a mim! Sou a ternura!

Árvores, vinde a mim: sou primavera!
E sou ninho de amor, aves do ar!
E sou antro de amor, ó bruta fera!
E sou praia de amor, ondas do mar!

III

O fogo que me abrasa,
É fogo de paixão.
Meu corpo tomba em cinza
E pó, que o vento leva...
E alcança a vida eterna,
Em mística ascensão,
Tudo o que, em mim, é dôr, fragilidade e treva.

Vêjo, sob os meus pés,
Estrêlas, a fulgir...
Vêjo mudar-se em luz
A gélida penumbra.
Esta carne, que é terra,
Há de outra vez florir.
Uma visão de Deus todo o meu sêr deslumbra.

I.á vai meu coração,
Chimérico, a sonhar,
Qual infindo murmúrio
Ou hálito de dôr
Ou perfume de lírio
Ou asa de luar,
Para uma vida nova e para um novo amor.

ÚLTIMO CANTO

Outeiros miseráveis,
Que sofreis na prisão das formas mentirosas ;
Negros montes eternos, imutáveis,
Abafados em nuvens tempestuosas,
Das regiões do amor,
Desce o Monte divino, o monte Salvador!

Rios que caminhais, de cruz às costas,
Para o Calvário trágico do mar!
Fontes que soluçais, orando, de mãos postas,
Ante essa aparição estranha do luar,
Desce das regiões do Além,
O rio Buda, a fonte Virgem-Mãe!

Bosques mortos do inverno, quando neva
E, em seus ramos, o vento é gélido queixume...
Lírios, rosas, jasmims, dos quais, no Azul, se eleva
A mágua do perfume,
Descem da luz sagrada,
O Lírio eleito e a Árvore enviada!

Ó animais ferozes, sanguinários,
Pombas brancas, humildes cordeirinhos ;
Bois pastando, a scismar, nos vales solitários,
Bramidos de leões, cantar de passarinhos,
Desce do lar bemdito, em que arde o sol,
O Leão profeta, o santo Rouxinol.

Homem triste, crepúsculo da vida,
Espectro miserando...
Almas, onde a esperança está perdida.
Bôcas negras de fome e corações sangrando,
Das alturas sem fim da eterna Luz,
Desce um novo Jesus.

ELEGIAS

DEDICATÓRIA

A MINHA IRMÃ MIQUELINA

Este pequeno livro é, para ti,
Minha irmã. Hás de lê-lo, com amor,
Pois, nele, encontrarás o que sofri
E uma sombra talvez da tua dôr...
E, embora em frágil névoa, encontrarás
A imagem do teu filho...

Ó minha irmã,
Sei que és a campa viva, onde êle jaz ;
Sei que êste livro é cinza e poeira vã
Que eu espalho, em redor da tua cruz...
Mas, na angústia sem fim que me tortura,
Quiz vingar-me da morte, e ergui, à luz,
Cantando, êste meu cálix da amargura...

MÃE DOLOROSA

Vi-o doente, ouvi os seus gemidos,
(Dói-me a negra memória, ao recordá-lo!)
A mãe baixava os olhos doloridos
Sôbre o filho, e era a dôr a contemplá-lo.

Depois, nesses instantes esquecidos,
Ou lhe falava ou punha-se a beijá-lo.
Mas, retomando, súbito, os sentidos,
Estremecia tôda, em grande abalo!

Fugia, de ao pé dêle, sufocada,
Com a trança revôlta e desgrenhada,
Com os olhos abertos de terror!

E então, num desespero, a mãe chorava,
E, quási enlouquecida, só gritava :
Amor! amor! amor! amor! amor!

JUNTO DELE

Vi, um dia, e hei de ver eternamente,
Já sepultado em flôres, no seu leito,
Uma criança morta, um inocente,
Um pequenino amor, ainda perfeito.

Oh que mimosa palidez tremente
A do gélido rosto contrafeito!
E as mãosinhas de cera, docemente
Compostas e cruzadas sôbre o peito.

Ó Deus cruel, que matas as crianças,
E as estrêlas apagadas, na amplidão,
E massacras as nossas esperanças!

Não sei quem és, eu não te entendo, Deus!
E penso, com terror, na escuridão
Dêsse teu Reino trágico dos céus...

NAS TREVAS

Ó tristeza das cousas, quando é noite,
Em nosso coração! Oh que tristeza,
Aos meus olhos terríveis, se desvenda,
E são árvores delidas, na penumbra,
E desvairados ventos, perpassando
Na tenebrosa lividez do céu!
Escuridão, pavor, desolação!
Fantástica paisagem infernal,
Tôda esboçada em tintas moribundas
E funéreos relevos agoirentos.

Erma noite fechada! Nem um leve,
Riso vago de estrêla se adivinha...
Sómente as tôrvas lágrimas da chuva
Escorrem pela face do silêncio.

Piedade, noite negra! Não me beijes
Com essa bôca lívida e defunta!
Ó sol, vem alumiar a minha dôr,
Que, escondida na sombra, se dilata
E mais profundamente se enraísa,
Nesta carne, a sangrar, que é minha alma!
Ilumina-te, ó noite! Ó vento, cala-te!
Grossas nuvens do sul, limpai os olhos,
Desanuviaí o bronzeado rosto!

Mas, ai de mim, a noite é sempre negra ;
Negra da tua ausência, do teu ser
Perdido, para nós, eternamente!
Negra da tua voz emudecida
E do teu riso, para sempre, extinto!
Negra da minha angústia!

Ó noite negra,
Como sofrem, ocultas no teu seio,
As próprias cousas brutas da Natura.
E como as grandes árvores agitam
As ramagens de lágrimas e sombras!
Soluça o vento, nos beirais, ou fica
Gelado num silêncio murmurante...
E, sôbre o velho pátio de granito,
Dir-se-há que a velha casa, abandonada
Da divina presença da criança,
Cai, sôbre a terra, em bâtegas de pranto!

Lá fora, no terreiro, onde brincavas,
Não sei que espectro anda a gemer... Alguém
Que parece entranhar-se, no meu corpo,
E apertar-me, nas mãos, o coração!
E, sufocado, choro! Vou gritar!
Grito! Fujo de mim! Desapareço!

OLHAR ETERNO

Aquele olhar tão triste,
Onde ia, em negra luz, tudo o que o sou
E tudo quanto existe,
No instante em que pousou,
Relâmpago do Além,
Sôbre o teu rosto de anjo e de amorzinho,
Já deitado na cama e tão doentinho,
Cercado da aflição de tua mãe,
Esse meu doido olhar é sempiterno.
É fogo de agonia,
Rubro clarão do inferno...

Ê, para mim, agora, a luz do dia.

NO SEU TÚMULO

Sôbre o seu fundo berço sepulcral,
Meu espírito reza, ajoelhado.
E sente-se mais belo e virginal,
Na sua dôr divina concentrado.

Caí, gotas do orvalho matinal!
Astros, caí do céu todo estrelado!
Sêcas fôlhas do zéfiro outonal,
Vinde enfeitar-lhe o túmulo sagrado.

Ó luar da meia noite, encantamento
Da sombra, vem cobri-lo! Ó doido vento
Não grites, baixa a voz lamuriosa.

Silêncio, aves nocturnas do arvoredó!
Porque êle é pequenino e há de ter medo,
Lá nos seios da terra tenebrosa.

DELÍRIO

Não posso crêr na morte do menino.
E julgo ouvi-lo e vê-lo, a cada passo.
Ê êle? Não. Sou eu que desatino,
Ê a minha dôr sofrida, o meu cansaço.

Delírio que me prendes, num abraço,
Emendarás a obra do Destino?
Vê-lo-hei sorrir, de novo, no regaço
Da mãe? Verei seu rosto pequenino?

Mistério! Sombra imensa! Alto segrêdo!
Jamais! Jamais! Quem sabe? Tenho medo!
Que sinto, em mim? A treva? A luz futura?

Ah, que a dôr infinita de o perder,
Seja a alegria do o tornar a ver,
Meu Deus, embora noutra criatura!

REMORSO

Onde contigo, um dia, me zanguei,
É hoje um sítio escuro que aborreço.
Sempre que ali divago, me entristeço...
Ah, foi um crime, sim, que pratiquei.

Quantas negras torturas eu padeço,
Pelo pequeno mal que te causei!
Se, ao menos, presentisse o que hoje sei?
Mas, não; fui mau, fui bruto; reconheço!

E sofro mais, por isso, a tua morte,
E dou mais choro amargo ao vento norte,
Mais trevas se acumulam no meu rosto.

Ó vós, que, neste mundo, amais alguém,
Seja linda criança ou pai ou mãe,
Não lhe causeis nem sombra de desgosto!

NO CREPÚSCULO

Nasce o branco luar dos derradeiros
E denegridos píncaros sósinhos...
Andam sombras, no ar, e murmurinhos
De incerta claridade... Os pegureiros
Tangem amenas frautas amorosas
E, no triste crepúsculo, desmaiam ;
E, assim como os seus cânticos, se espraiam,
Em ondas de emoção. Misteriosas
Furnas, bôcas da terra, murmurantes,
Arvoredos, extacticos, orando,
Fantásticos rochedos meditando,
Desfeitos em ternura, esvoaçantes,
Pairam também no espaço comovido,
Das primeiras estrêlas já ferido,
Sôbre a linha esfumada do horizonte.

E eu choro, abandonado, em alto monte.
E o virginal espectro da criança,
Perfeita divindade que eu venero,
Nos longes dos meus olhos, aparece ;
Como, se por ventura, êle nascesse
Da minha incerta e trémula esperança,
E não do meu constante despêro !

E choro, e, em minhas lágrimas, eu vejo
Aquele doce vulto pequenino,

Em seu leito de morte e sofrimento...
Jesus martirizado, ainda menino!
E é como cinza fria o meu desejo
E como extinta luz meu pensamento!

Depois, a sua imagem sofredora,
Mais animada, veste-se de aurora.
Os seus lábios sorriem para mim,
E sorri, para mim, a noite triste...

E vêjo-o então a brincar, no meu jardim...
Vejo-o como êle foi, como êle existe,
No coração da mãe, por tôda a vida!

Ês tu, divina aparição florida!
Longinquo alívio, protectora aza,
Anjinho tutelar da nossa casa!

Mas, ai, na solidão que me rodeia,
Um ser apenas, téntrico, vagueia...
Ê êle, o meu espírito... E que importa?
Ê êle, a errar, no mundo solitário;
Ê êle, sôbre o mundo, e mais ninguém!
Ó céu desabitado! Ó terra morta!
Grito de Deus, nas fragas do Calvário,
Os astros abalando, e, cada vez,
Mais cercado de trágica mudez,
Mais perdido, mais alto, mais além...

Cousas, que já fizestes companhia
A esta sombra de mim que, em vós, se via,
Porque me abandonastes? Ermo vento,
Insomnia do ar, correndo o firmamento,
Ês fúria vã, loucura inanimada,
Revolta inconsciência destruidora...

Rosa, ao luar de abril, desabrochada,
Passarinhos cantando, à flôr da aurora,
Já não palpita, em vós, meu coração.
Sois o silêncio, a noite, a solidão.

Nada pressinto e nada sinto. As cousas,
Árvores, serras, nuvens lacrimosas,
São penumbras que, à luz do meu olhar,
Se esvaem, como o fumo do meu lar...

De tal modo meu ser se concentrou
Na visão da criança que, além dela,
Não vejo passarinho ou luz de estrêla,
Límpido espaço, idílica paisagem!
Dir-se-há que o seu espectro reencarnou
Em mim, que não sou mais que a sua imagem.

SOBRESSALTO

Quantas horas passava, contemplando
Seu pequenino vulto. Era um anjinho
A nossa velha casa abençoando.
Era uma fôr, um astro, um amorzinho.

Um dia, em que êle, ao pé de mim, sósinho,
Brincava, êstes meus olhos inundando
De graça, de inocência e de carinho,
De tudo o que é celeste, alegre e brando,

Vi tremer sua imagem, de repente,
No ar, como se fôra aparição.
E, para mim, eu disse tristemente :

«Pertences a outro mundo, a um céu mais alto.
Partirás, dentro em breve.» E, desde então,
Fiquei sempre num grande sobressalto.

ENCANTAMENTO

Quantas vezes, ficava a olhar, a olhar,
A tua doce e angélica figura,
Esquecido, embebido num luar,
Num enlêvo perfeito e graça pura!

E à fôrça de sorrir, de me encantar,
Diante de ti, celeste criatura,
Suavemente, sentia-me apagar,
E eu era sombra apenas e ternura.

Que inocência! Que aurora! Que alegria!
Do teu perfil de anjinho se exalava!
Sob os teus pés, a terra florescia

E até meu próprio espírito cantava!
Nessas horas divinas, quem diria
A sorte que já Deus te destinava!

O QUE EU SOU

Na incerta e dúbia luz,
Em que se esboça tudo quanto existe,
Eu apareço, como negra cruz,
Onde bate o luar, em noite triste.

Eu é que sou o espectro, a sombra escura,
De falecidas formas mentirosas...
Um soluço, um gemido de amargura,
Neste silêncio lúgubre das cousas.

E tu, meu puro amor,
És o divino ser espiritual,
A presença radiosa...
Eu sou a dôr,
Sou a trágica ausência glacial.

Vives agora, em mim, a vida nova.
E eu já não vivo, em ti.

Mas quem morreu?
Fôste tu que baixaste à fria cova?
Oh, não! Fui eu! Fui eu!

Medonho cataclismo! Horrenda sorte!
Contigo, um mundo etéreo se desfez...
E nele, bem quizera,
Depois da minha morte,

Existir, numa doce primavera!
Vendo teus lindos olhos, quanta vez,
Dizia para mim : «Eis o logar
Da minha espiritual, futura imagem.
Hei de viver, à luz daquele olhar,
Numa celeste e idílica paisagem...

Mas um vento de dôr, desesperado,
Gritando, esfarrapou
Meu sonho idolatrado!
Comigo eterna angústia se casou!
E, louca e fugitiva,
Minha pobre esperança de alegria
Desfaleceu, de todo, nesse dia,
Que doirou de tristeza o teu caixão!
Mais morta do que que viva,
Pelos montes fantásticos, murmura...
É lágrima de infinda comoção,
Beijando a pedra dura.
E beija o teu sepulcro pequenino ;
Sôbre êle, vôa e erra,
Porque o teu ser amado é já divino ;
E o teu sepulcro, abrindo-se, na terra,
Penetrou-a de luz e santidade.
E a terra é um grande templo,
Onde rezo, de joelhos, e contemplo,
Num ermo altar, a estátua da Saudade.

MINHA ALEGRIA

Minha alegria foi no teu caixão.
Deitou-se, ao pé de ti, na sepultura,
A fim de dissipar a escuridão
E tornar-te mais branda a terra dura.

Por isso, é, para mim, consolação
Esta sombria dôr, que me tortura.
E ponho-me a cantar, na solidão,
Meu canto modelado em noite escura.

Agrada-me saber minha alegria,
Longe da minha alma, nessa fria
Cova a que tu baixaste, após a morte.

Fôste tu que m'a deste, meu amor.
Agora dou-t'a eu ; é a minha flôr.
Eu quero que ela sofra a tua sorte.

TRISTEZA

O sol do outono, as fôlhas a cair,
A minha voz, baixinho, soluçando,
Os meus olhos, em lágrimas, beijando
A mística paisagem a sorrir...

Assim a minha vida transitando
Vai, à tóna da terra... E fico a ouvir
Silêncios do outro mundo e o ressurgir
De mortos, que me foram sepultando.

E fico mudo, extáctico, parado,
E quási sem sentidos, mergulhado
Na minha viva e funda intimidade.

A mais longinqua estrêla, em mim, actua...
Inunda-me de mágua a luz da lua,
E sou, eu mesmo, o corpo da saudade.

A MINHA DÔR

Tua morte feriu-me, no mais fundo
Dêste meu ser humano, que eu julgava
Já liberto dos dramas dêste mundo.

Ah, vejo agora quanto me enganava,
Imaginando que existia, em mim,
Alma que fôsse livre e não escrava.

Sou miséria, sou treva e dôr sem fim.
Todo eu sou dôr e morte. Sou fraqueza.
Sou o enviado da Sombra. Ao mundo vim

Prégar a noite, a lágrima, a incerteza,
A flôr que, para sempre, emurcheceu,
Neste deserto infindo de tristeza,

Em que esta aldeia, amor, se converteu,
Quando fechaste os olhos, quando a luz
Do teu cabelo, aurora, embranqueceu!

Sou o enviado da Sombra. Em negra cruz,
Meu ilusório vulto descarnado,
Lembra um pobre fantasma de Jesus.

E, aos pés da minha cruz, no chão maguado,
A tua ausência é Virgem Dolorosa,
Com tenebroso olhar no meu pregado!

A minha vida, calma e luminosa,
Afundou-se contigo, no sol-posto,
E faz parte da noite lutuosa.

Em meu ser, desenhou-se um novo rosto.
Sou outro, agora ; e vejo, com pavor,
Minha máscara interna de desgosto.

Vejo sombras, à luz da minha dôr.
Sombras, talvez, de eternas criaturas,
Que vivem na alegria do Senhor.

E quem sabe se os mortos, nas Alturas,
Gozam a paz de Deus que não podemos
Sentir, cá neste vale de amarguras?

Quem sabe se os martírios que sofremos,
Em nosso corpo e alma, não são mais
Que as suas vagas formas irreais?
Ah, nós somos ainda o que perdemos...

A MÃE E O FILHO

Teu ser trágicamente enternecido,
Em desespêro de alma transformado,
Vai através do espaço escurecido
E pausa, no seu túmulo sagrado.

E êle acorda, sentindo-o ; e, comovido,
Sofre, ao ver teu espírito adorado,
Tão sósinho, na noite, e arrefecido ;
E de profundas lágrimas molhado !

E eis que êle diz : « Ó mãe, não chores mais !
Em vez dos teus suspiros, dos teus ais,
Quero que venha a mim tua alegria ! »

Pois nos instantes em que a mãe descança,
Inclina a meiga fronte de criança
E dorme, ao pé de ti, Virgem Maria !

AUSÊNCIA

Almas e cousas belas, tudo quanto
Existe, sem a luz da tua imagem,
É fria noite e frio desencanto.

Tua bemdita e efémera passagem,
No mundo, deu ao mundo em que viveste,
À nossa boa e maternal paisagem,

Um espírito novo e já celeste ;
Nova forma a abraçou ; e nova côr
Beijou, sorrindo, o seu perfil agreste.

E ei-la agora, tão erma e sem verdor !
Depois da tua morte, regressou
Ao seu velhinho estado anterior.

E esta animada casa, onde brilhou
Tua voz, num instante sempiterno,
Em negra, íntima treva se ocultou !

Quando chego à janela, encontro o inverno.
E, à luz da lua, as sombras do arvoredo,
Lembram as almas trágicas do inferno.

Dos recantos escuros, em segrêdo,
Nascem visões saudosas, diluidos
Traços da tua imagem, arremêdo

Que a Sombra faz, em gestos doloridos,
Do teu vulto de sol a amanhecer.
Irá mostrar-se, enfim, aos meus sentidos?

Mas eu que vejo? A luz escurecer;
O imperfeito, o indeciso, que nos deixa
A amargura de olhar e de não ver.

A minha dôr eterna que se queixa,
Em vão, por ti, neste deserto, clama!
Dir-se-há que Deus, cruel e mudo, fecha

Os ouvidos de pedra! Mas quem ama,
Embora no silêncio mais profundo,
Grita por seu amor! É voz de chama!

E grito! E vejo apenas, sôbre o mundo,
(Essa brutal estátua do Desdem!)
A tua negra ausência! E, lá no fundo,

De mim próprio, que vejo? Acaso alguém?
Só vejo a tua ausência, a desventura
Que fêz da noite a imagem de tua mãe!

A tua ausência é a alma da Natura,
O sangue do sol-posto, a luz da aurora;
Brota da terra e é fonte que murmura.

Quem traz o outono ao meu jardim, agora?
Quem muda em cinza o fogo do meu lar?
E quem soluça, em mim? Quem é que chora?

É a tua ausência, amor, que vem turbar
Esta alegria etérea, nuvem, aza
De anjo que, às vezes, passa em nosso olhar!

O sol é a tua ausência que se abraza.
A lua é a tua ausência enfraquecida.
A tua ausência é tôda a minha vida,
E os meus versos também e a minha casa.

TRAGICA RECORDAÇÃO

Meu Deus! meu Deus! quando me lembro, agora,
De o ver andar, no mundo, de repente,
Seu vulto me aparece, transcendente,
Mas tão perfeito e vivo, como outrora!

Julgo que êle ainda existe, e que, lá fora,
Fala em voz alta e brinca alegremente,
E volve os olhos verdes para a gente,
Dois berços de embalar a luz da aurora!

Julgo que êle ainda vive, mas já perto
Daquêle tenebroso abismo aberto,
Que avistamos, no instante derradeiro!

Ó visão da criança, ao pé da morte!
E a da mãe, tendo, ao lado, a negra sorte
A calcular-lhe o golpe traiçoeiro!

IDÍLIO

Sinto que, às vezes, choras, minha irmã,
No teu sombrio quarto recolhida...
É que êle vem rompendo a sombra vã
Da morte, vem surgindo, à luz da vida.

E, aflita, como choras, minha irmã.
Teu chôro é tua voz emudecida,
Ante a imagem do Filho, essa manhã,
Em profunda saudade amanhecida.

Silêncio! Não palpites, coração!
Nem canto de ave ou mística oração
Venham, tão alto idílio, perturbar!

Deixai o filho amado e a mãe saudosa :
O filho, a rir, de face carinhosa
E a mãe, sòzinha e pálida, a chorar.

DE NOITE

Quando me deito e mais a minha dôr,
Minha noiva-fantasma ; e, em derredor
Do meu leito, a penumbra se condensa,
Faz-se, em meus olhos, uma luz imensa,
E aparece-me o Reino espiritual.

E ali, despido o hábito carnal,
Tu brincas e passeias, não comigo,
Mas com a minha dôr... o amor antigo.

A minha dôr está contigo, ali,
Como outrora eu estava, ao pé de ti.

Se eu fôsse a minha dôr, com que alegria,
De novo, a tua face beijaria!
Mas eu não sou a dôr, a dôr etérea...
Sou a carne que sofre, esta miséria
Que, no silêncio, clama!

A sombra, o corpo agonisante, o drama...

NOITES EM CLARO

Passas, em claro, as noites, a chorar.
Dia a dia, teu rosto empalidece.
Faze tu, pobre mãe, por serenar.
Santa resignação, sôbre ela, desce!

Rochedo, que a penumbra desvanece,
Tu, por acaso, não lhe podes dar
Um pouco dêsse frio, que entorpece
O coração, e o deixa descançar?

Jamais! Não há remédio! Nem as horas
Que fogem! Tôda a longa noite choras.
Tua sombra, na terra, é mais escura.

Sofres! E sinto bem que a tua dôr,
Convertida num beijo abrazador,
Vai-lhe aquecer, ao longe, a sepultura.

DUAS SOMBRAS

Pelas tardes divinas,
Quando a côr se dissolve em lágrimas doiradas,
Eu vejo duas sombras pequeninas,
Nas áleas do jardim, passeando, de mãos dadas.
Como duas crianças, que elas são,
Percorrem, a brincar,
Estes sítios da minha solidão...
E, extático e suspenso, eu fico, a meditar...
E delas me aproximo ; e paro ; tenho medo
De as ver fugir, assim...
Seus vultos de chimera e de segrêdo
Tremem, diante de mim.

Ah, como se parecem !
O mesmo adeus no olhar, o mesmo rosto e altura.
E, ao pé delas, as cousas se enternecem
E êste meu coração aberto em sepultura.

Durante a tua vida, meu amor,
Ao ver-te, imaginava
Ver, outra vez, na terra, a minha infância em flor !
E, ainda mais, pensava
Que eras a minha infância, novamente,
Por milagre de Deus, ressuscitada,
E brincando comigo, alegremente,
Nesta paisagem nossa idolatrada...

Nesta velhinha casa evocadora,
Edificada, em sombras, pelo outono.
Cáia-a, por fora, o luar, em noites de abandono,
E alumia-a, por dentro, a luz de outrora.

E, por isso, no dia em que morreste,
Quando tudo era lágrima, a distância,
Duas mortes sofreste,
Ó minha infância!

LÁGRIMA

Bate-me o luar no rosto ; e o meu olhar
Em lágrima saudosa se condensa.
Vejo-a, diante de mim, como suspensa,
Na sombra do ar.

Em seu líquido seio de esplendor,
Tua imagem começa a alvorecer,
Pois toma corpo vivo, no meu ser,
Quando a beija, sorrindo, a minha dôr.

Ébria do teu espírito sagrado,
A radiosa lágrima estremece,
Enquanto minha face empalidece
E o luar e a noite scismam, ao meu lado.

A comovida lágrima crepita...
Relâmpago de dôr. Mas nada vejo!
E, nela, está presente o meu desejo
E a minha vida, frágil e infinita.

E a lágrima scintila, num adeus...
E, desprendida dos meus olhos, ei-la,
Já distante, no espaço : é nova estrêla,
Subindo aos céus.

CANTO HERÓICO

Tudo, em mim, se transtorna e desfigura.
Sou como tôrva névoa lacrimosa,
Como um trágico esbôço da Amargura.

E sinto a luz tornar-se duvidosa,
Tocando a minha frente, que lhe gasta
A seiva etérea, a fluida côr viçosa.

O meu olhar maldito logo afasta
Aquele sêr divino, que me empece,
Encantadora imagem, sempre casta.

O meu olhar as cousas anoitece.
E elas choram, na sombra e na incerteza,
À minha própria dôr. E me aparece

O fantástico vulto da tristeza!
E me envolve e domina; e fico a ver,
Como através da morte, a Natureza.

O berço é cova. Que é nascer? Morrer.
Quem abre ao sol os olhos, escravisa
A alma, e logo deixa de viver.

Um rio de emoção, em mim, deslisa.
Para cantar, se fêz pequena fonte.
Seu canto é bruma pálida e indecisa.

Contemplo a rôxa curva do horizonte.
Sôbre ela, paio, em fumo. Sou distância,
Íntima cruz a erguer-se em tôsco monte.

Vésper, sorriso de oiro, luz, fragância
Da noite, que ressurge, ao teu fulgor,
Vêjo, lívida e morta, a minha infância...

E outros mortos, que nem meu próprio amor
Anima, — êle que dantes animava,
Em pleno inverno, a mais sequinha flôr!

E, como outrora, tudo me encantava!
Como perdi, no turbilhão dos dias,
O sabor que nas cousas eu gostava!

Tristezas são fantasmas de alegrias.
Entre fantasmas, vivo. Ó meus amores,
Outono, fôlhas murchas, ventanias!

Ó negra meia noite! Mãe das dôres,
Em teu altar sósinho, na capela
Do monte, sem romeiros, luzes, flores!

Ó noite, virgem triste, êrma donzela!
Se eu fôra sombra de alma adormecida,
No seio escuro de apagada estrêla?

Mas não; eu vivo e penso nesta vida,
No mal vitorioso e na bondade,
Quási sempre ultrajada e perseguida!

Vejo a inocência, às mãos da crueldade,
Morta, impiedosamente! E vêjo a aurora
Alumiando esta negra e férrea idade!

Vejo um pequeno anjinho que enamora
Meu comovido espírito encantado.
E divinos sorrisos êle chora...

E, só de o ver, eu sinto-me sagrado!
E fica todo em flôr meu coração :
Paraiso astral, jardim de Deus, sol nado!

E, súbito, lá vai! É sonho vão!
E, sôbre mim, aflita, a noite desce :
Maré cheia de treva e solidão.

O sangue, em minhas veias, arrefece.
À altura do meu rosto, vejo o medo
Que, nos êrmos crepúsculos, me empece.

Ah, como tudo é sombra, dôr, segrêdo!
De longe, aspectos de alma que nos falam ;
De perto, brutas formas de penedo!

Que loucos sofrimentos nos abalam!
Porque não há, no mundo, quem as ouça,
As dolorosas vozes que se calam!

Ó gente enamorada! Ó gente moça!
Que, de repente, ao tûmulo, baixais,
Qual o vosso pecado? A culpa vossa?

Ó procissão das lágrimas, dos ais,
Diante de mim, passando, eternamente,
A caminho dos antros sepulcrais!

Dôr sem fim, sem princípio, dôr presente,
Martirizando as almas ; e, sôbre elas,
O sorriso de Deus indiferente!

O Deus que põe, na face das estrêlas,
Nódoas de sombra, e enfeitada, com as flores
Da morte, as brancas noivas e as donzelas ;

O Deus, acêso em raivas e furores,
Que mata as criancinhas sem pecado
E parece viver das nossas dôres,

E fêz do nosso pranto o mar salgado,
E fêz da nossa angústia um êrmo outeiro,
E, sôbre êle, Jesus crucificado ;

O Deus que me tornou prisioneiro,
E que transforma, tudo quanto eu amo,
Em desfeita visão de nevoeiro ;

Ah, êsse Deus que, quando por Deus chamo,
Ê silêncio que, em neve, se condensa,
A própria sombra inerte que eu derramo...

Ignoto Deus-fantasma, sem presença,
Que, em substância de dôr, edificou
As árvores, o sol, a noite imensa,

E, em desgraçado barro modelou
Minha figura trágica e reprêsa
Num impotente, empedernido vôo...

Ê o Deus do abismo, o pai da Natureza,
Gênio do Crime, velho Deus do mal,
Divindade da fúnebre tristeza ;

O Deus criador das trevas, contra o qual,
Sósinho, se ergue, em mim, mas sem temor,
O meu divino ser espiritual ;

Aquele puro arcanjo anunciador
Da sempiterna luz dum novø dia,
Duma nova esperança e novo amor !

Meu ser, onde se muda em alegria
A amargura terrena, onde a matéria
E já perfeita e mística harmonia ;

Meu sêr, que afirma o bem, ante a miséria
Das transitórias cousas ; que alevanta,
Contra a sombra do inferno, a Luz etérea,

E os demónios maléficos espanta !

SÓ SINHO

Tarde. Vagueio só, por um outeiro.
Sua imagem, chimérica, flutua,
Diante de mim, no espaço ; é nevoeiro
Vestindo de emoção a terra nua.

E como na minh'alma se insinua
Aquele etéreo vulto... amor primeiro!
Ouço-o falar, lá fora, à luz da lua,
Vejo-o brincar na sombra do terreiro.

Apenas vêem meus olhos, neste mundo,
O seu perfil angélico, o seu fundo
Misterioso, verde-negro olhar...

Vejo uma estrêla ? É êle. Vejo um lírio ?
É êle. Tudo é êle. E o meu delírio
É êle, é o seu espírito a cantar.

A TUA IMAGEM

Os meus olhos abrigam, como um templo,
Tua saudosa imagem adorada...
São os meus olhos de alma que descobrem
Azas de anjos, relâmpagos de Deus ;
E não meus pobres olhos materiais,
Nas brutas formas vãs crucificados.

E tu vives e falas, nesse mundo,
Que principia em mim, para abranger,
As estrêlas e o Vácuo tenebroso.

E vejo o teu perfil amanhecendo...
E, em meus ouvidos íntimos, rebôa,
A tua voz de encanto e primavera
Que espalhava aleluias, pelo ar...
E, como luz divina, se reflecte
Nas minhas tristes lágrimas, que ficam,
Tôdas, por dentro, acêsas num sorriso.

E, de enlevado, canto, divagando,
Por lúgubre caminho solitário...
E chego à porta em flôr do teu sepulcro.
E uma alegria misteriosa vem
Doirar a sombra vã de que sou feito...

E esta alegria és tu, que me apareces !

Meu doloroso ser com tua imagem
Eterna comunica. A tua morte
A minha pobre vida continua.
Na tua morte, eu sinto-me viver,
Em outro espaço etéreo, além de tudo,
Onde as almas têm nítido relêvo,
Porque, nelas, o amor é como o bronze
Ou como a pedra mármore nas estátuas...

Sinto-me, além de tudo, em outro espaço!
Sinto-me, ao pé de ti, como se eu fôsse
Um anjo apenas luz e comoção...

Minha segunda vida transcendente
Nasceu da tua ausência, que lhe imprime
O drama eterno, a acção divina e triste.
E, no meu sêr em lágrimas, abriu
Novo sentido, anímico e profundo,
Que desvenda, na noite, novos astros,
E desvenda, na humana criatura,
Novas formas, ocultas e invisíveis;
E veste de infinito e de saudade
A tósca rocha bruta, que se torna
Espírito animado, no crepúsculo:
Esfinge em cujos lábios, a tristeza
Das cousas interroga a nossa dôr.

Ah, como tu revives, velho lodum!
Perante o meu olhar, que te penetra
De seu líquido lume visionário!
Ei-lo scismando, à branca luz da lua,
Na projectada sombra que, aos seus pés,
Desenha o busto ignoto do silêncio.
Ei-lo embebido em mística ternura,
Trémulo de emoção, reverdecendo,
Esculpindo, no ar, melancolias...

E a tua imagem paira, sôbre mim!
Encapelado mar, todo eu palpito,
Em ondas de alvorôço! A minha alma,
De exaltada, se eleva e inunda tudo!
Anda no frio vento, cai na chuva,
Em cada estranha lágrima sciutila,
Geme nas trevas e deslumbra as nuvens
E arde no fôgo branco das estrêlas...

E julgo haver, meu Deus, ressuscitado
Da morte que sofri, para nascer!

São irmãos o meu berço e o teu sepulcro.
Teu cadáver baixou áquele abismo,
Donde subi, outrora, à luz do mundo.
E, lá, tu me encontraste, nessa aurora
Divina que precede o nascimento
E parece doirar a nossa infância.

Vivo contigo, amor, uma outra vida,
Muito embora, eu arraste, sôbre a terra,
Que teu cadáver, tão mimoso! esconde,
Esta minha presença de aflição!

E, de joelhos, rezo à tua imagem,
Que volve, para mim, os olhos tristes,
Porque se fêz sagrada, além da morte.

A NOSSA DÔR

Enquanto chora a mãe desventurada,
Sôbre o seu coração, de noite e dia,
Eu canto a minha dôr ; e a dôr cantada,
Como que intimamente se alivia...

Se me levanto cêdo, e a madrugada
Já vem doirando os longes de harmonia,
Sinto que estás ainda despertada ;
E eu ouço, em mim, cantar nova elegia.

Abre-te a dôr os olhos, sem piedade,
Durante as longas noites de amargura.
Mas, para mim, a dôr é já saudade.

A minha dôr é sombra de ternura.
A tua dôr é negra tempestade,
Que só finda na eterna sepultura.

VIDA ETERNA

Nêle, adora sòmente o que não passa ;
O que é imortal, perfeito, e, no teu sêr,
Ê fonte de orações, enlêvo e graça.

Adora a sua imagem a viver,
Numa perpétua infância florencendo,
Perpétuamente isenta de sofrer.

Dia a dia, nós vamos falecendo ;
Esta vida carnal é um arremêdo
Da Vida, à luz da qual, eu não entendo

A tragédia da morte, a dôr e o mêdo.
Teu filho, agora, é luz, revelação ;
E tu, ó mãe, crepúsculo e segrêdo !

Adora ,sim, teu próprio coração,
Se desejas amar teu filho. Reza
E não chores, que a voz duma oração,

Bem melhor te desvenda, com certeza,
Seus olhos verdes, no seu lindo rosto,
Que as lágrimas sombrias de tristeza.

Seja alegria eterna o teu desgosto,
Humano e transitório! Seja aurora
De idílio o teu dramático sol-pôsto!

A alma ajoelha e reza, mas não chora.

MEMÓRIA

Memória, terra de alma, a florescer,
Além do Vácuo, trágico e medonho...
Num paraíso, idílico e risonho,
Cada lembrança é bem amado sêr.

Quando os meus olhos íntimos, num sonho,
Esse mundo ideal conseguem ver,
Fico tão deslumbrado, que suponho
Haver morrido já, sem o saber!

Eis-me, no reino etéreo da memória.
E, entre imagens fantásticas, me vêjo,
Como anímica imagem ilusória.

E não existo em mim. Sou oração,
Já liberta de Deus e do desejo,
Luz sem estrêla, amor sem coração.

DEPOIS DA VIDA

Quando meu coração, parar desfeito,
Em sombra, na profunda sepultura ;
E o meu corpo, espectral e já perfeito,
Divagar entre o Olimpo e a terra dura ;

Quando sentir, enfim, todo o meu peito
A converter-se em luminosa altura ;
Eu, aquele fantasma, o claro eleito,
O enviado da vida à morte escura ;

Ah, quando, em mim, eu fôr minha esperança !
Meu próprio sêr, divino e redimido ;
E minha sombra apenas fôr lembrança,

Bem longe, em outro mundo transcendente,
A luz dum sol jámais anoitecido,
Serei contigo, amor, eternamente.

ELEGIA FINAL,

Trabalhei quanto pude a minha dôr ;
Negro bloco marmóreo que me pesa
E me inunda de gélido suor.

Impuz ao bruto mármore a belesa.
Minhas lágrimas de água amargurada,
Suavisaram-lhe a trágica dureza.

E, ao ver a minha angústia, alevantada
Numa estátua perfeita, ao sol bemdito,
Toquei-lhe! Estava inerte e congelada!

Choro, dentro de mim! Soluço e grito!
Sou, neste livro, palidês, quebranto.
A dôr tão viva, no meu sêr aflito,
É como cinza morta, neste canto.

ELEGIA DA SOLIDÃO

Eu sou lembrança viva ; e tudo o mais
É negro esquecimento...
Tudo formas inertes, sepulcrais,
E cinzas de apagado sentimento...

Ah! como tudo é morta indiferença!
Alma que, em vã figura, se condensa...
O verbo original arrefecido
E, pelo tempo abstrato, convertido
Em relevos de imagem ilusória,
Que a lua merencória
Molda em penumbra e cêra,
Na noite transparente de chimera...

E, todavia, eu sinto
Um acordar de instinto,
Um palpitar de viva claridade,
Em cada cousa obscura.
O aroma duma flor, quem sabe se é ternura?
A sombra não será fantástica saudade?
A deusa que semeia estrêlas, no Infinito,
E corôa de lágrimas divinas
A extática tragédia das ruínas,
Em mutilados versos,
Aqui e além, dispersos,
De mármore e granito?

Indefinidamente,
Sobe, da terra, um sonho transcendente ;
Emanação de mística tristeza,
Como o fumo dum lar,
Que, ao pé do lume, tem alminhas a rezar...

Mas, ai, a Natureza
Afasta-se de mim, como ofendida,
E deixa-me, às escuras...
E, qual sombra dramática da vida,
A sós, comigo, vou por êsse mundo além...

Ah, por mais povoado de figuras,
O mundo é sempre a mesma solidão,
Aquele estátua em pedra da Ilusão,
Monstruosa presença de Ninguém !

Eu vivo assujeitado
Ao meu fantasma, errante e desgraçado,
Em êrmos de abandono,
Êrmos de Portugal,
Onde a alma do sol divaga com o outono,
Num sempiterno idílio sepulcral.

Sou nada, e quero ser !
Eu quero, enfim, viver
A vida universal e misteriosa.
Interrogo o silêncio e a noite rumorosa
De mêdos e segredos.
Contemplo, comovido, os píncaros da serra,
Os astros, os penedos
E as fontes a nascer do coração da Terra !
Aspiro, extasiado, o aroma duma flor ;
Sombra que eu vêjo, em pétalas de côr,
Esparsas e ondeantes,
Nas virgens claridades madrugantes.

É a pura sensação, que me seduz,
É uma longínqua aparição de luz,
Alma da Primavera, alma encantada
É quási, num perfil angélico, esboçada...

Absorvo-me na noite e no mistério.
Erro, ao luar, em êrmo cemitério,
Sob as asas geladas do *nordeste*.
Ouço, na rama escura dum cipreste,
Mortos murmúrios, vozes... Estremeço!
E, tomado de espanto, empalideço!
E logo me domina
Um desvairo ou loucura repentina!
E, num tórvo e fébril deslumbramento,
Vêjo-me sepultado, em pensamento,
E durmo, durmo, durmo a eternidade!

Súbito, acordo e volto à claridade.
Saio da fria cova.
Não sei que imagem nova
É infantil, sôbre mim, baixou do sol a arder.

Que alegria, meu Deus, tornar a ser!

Como eu adoro tudo quanto existe!
Rezo, de joelhos, vendo a tarde triste,
Pintada a sangue, em longes de pinhais.
Vendo estrélas nadando em charcos de água,
O oiro, caído ao chão, das árvores outonais.
E as névoas, brancas túnicas de mágua,
Vestindo outeiros nus...
Vendo o fumo de rústicas lareiras,
Onde há velhas fiando, em negras *preguiçadeiras*,
O lívido lençol, que as há de amortallar.
E dizem, numa voz de sombra: *Amen, Jesus...*
E ficam-se a scismar...

Eu amo tudo : os ramos comovidos,
Em diáfano mármore esculpidos ;
E êsse vèlhinho tronco, em flor, que renasceu,
Ao sentir a impressão azul que vem do céu !

Tenho ocultas palavras trancendentes,
Para as nuvens sonâmbulas, dormentes,
Onde, a primeira branda luz do dia,
Espalha tons doirados de harmonia...
E assim, de monte em monte, percutida,
Tôdas as sombras mortas chama à vida...

Brilha uma rosa, um passarinho vóa,
E de almas a cantar a Terra se povóa !

Mas êste amor é grande sofrimento !
De que nos serve amar o que não ama ?
Ser dolorosa chama,
Sôbre campos de neve, errando, ao vento ?

Eu ando a perseguir um anjo fugitivo.
Entre turbas de espectros, não sou mais
Do que um espectro vivo !
Sou doido cataclismo
E desprendida fôlha,
Entregue aos vendavais !
Olho meu próprio sêr, como quem olha
O fundo dum abismo,
Com demónios pairando, em negros vôos aflitos.

Ó trágico desgôsto !
Choro e escondo, nas sombras, o meu rosto,
E ponho-me a invocar a noite, em altos gritos !

E perco-me, nas trevas misteriosas !
Cego, bato de encontro às brutas cousas,

Coberto de feridas, a sangrar!
E arrasto a minha cruz de mármore tumular.

Sou a dôr em que o mundo se tortura.
Sou as almas sem nome, a luz obscura,
As estrêlas, os deuses, tudo quanto
Se amortalha na bruma do meu canto,
Que sofre a sua humana imperfeição.

Sou tempestade, noite, solidão,
O frio esquecimento;
Uma sombra, ao luar, bailando com o vento.

Ó alto sete-estrêlo!
Sol velhinho, com brancas no cabêlo!
Ó tristeza sem fim, que me rodeia!
Ó minha amada e pequenina aldeia!
Ó aves a cantar para ninguém!
Flores murchas, no altar da Virgem Mãe!
Ó almas de abandono,
Rezando à morte as orações do outono!
Corações de mulher desfeitos em luar...
Olhos negros, por onde o Mal espreita,
Sorrisos desvendando a Luz perfeita.
Loucura que ergue o mar,
Em ondas e soluços,
E, sôbre a praia, exausto, cai de bruços,
E na praia rebôa um ai de dôr!
Ó neve sepultando um campo todo em flor!
E o sol não volta mais!
E o céu tomou a côr dos antros infernais!
E tu, meu coração,
Que palpitas, na funda escuridão,
E ardes, numa fogueira desvairada,
E, doido, te consumes para nada!
Tombo por terra, morto de cansaço!

A própria terra foge ao meu abraço!
Foge de mim, meu sêr, que eu não entendo,
Vulto de cinza e poeira...

Homens, nem mesmo a dôr é verdadeira!

Sou ilusória imagem, padecendo
A trágica mentira que a formou.
E entregue à sorte, eu vou,
Chorando, sempre aflito,
Como criança, perdida no Infinito,
Entre soturnos deuses fabulosos
E mundos de terror, vertiginosos!

Lobos famintos, mágicos, profetas!
Leões cheios de sombra e de melancolia!
Feras que devorais, por simpatia,
Bramindo, como cantam os poetas !

Ó meus irmãos, na fome e na tristeza,
Eu quero, como vós, viver, morrer!
Quero existir, e ser
O Sobrenatural e a Natureza!
Quero sentir o louco sofrimento,
Que há de secar as lágrimas das fontes
E há de apagar o sol, no Firmamento,
E o perfil outonal dos horizontes.
Quero ser uma sombra, na paisagem,
E uma voz de cantiga, ao longe, merencória...
E viver, como vive a tua branca imagem,
No reino da memória!
Quero sentir o vago, o indefinido
Dum astro, a palpitar nas ondas, reflectido.
Quero ser a ilusão, a nuvem, a chimera,
A divina alegria, a primavera,

Que nos desenha, além, num fundo escuro e frio,
Um pórtico doirado, aberto sôbre o estio.

Quero brilhar na luz! nas chamas crepitar!
Quero subir em fumo e, à luz do sol, pairar...
E, em lágrima salgada,
Caír dos olhos meus...

Ser a névoa, que tem a aurora retratada,
E uma oração alumando a Imensidade,
Onde quási se avista a calma eternidade,
A negra quietação fantástica de Deus...

INDICE

INDICE

CONTOS INDECISOS

Pág.

CONTOS INDECISOS... .. 9 a 31

VIDA ETÉREA

Enlevo... ..	35
Pan... ..	37
Apolo... ..	39
Vénus... ..	41
Cibéle... ..	43
Nova Luz... ..	45
O riso... ..	47
Idílio... ..	49
Canção de Maio... ..	51
Alegria... ..	53
Extase... ..	55
Paisagens... ..	57
Canção errante... ..	59
Um diálogo... ..	60
Elegia do amor... ..	63
Deslumbramento... ..	73
Divina tragédia... ..	75
A fonte... ..	76
Cântico... ..	77
O céu... ..	80

	Pág.
A névoa.	81
Os rochedos	83
As árvores... ..	84
As aves... ..	86
A uma ovelha... ..	88
A sombra humana... ..	89
O meu semelhante... ..	90
Os cavadores... ..	92
Marinhas	95
As almas	98
Prece.	99
A canção	101
Pensamentos	102
Silêncio e solidão... ..	107
Piedade... ..	111
Humildade... ..	112
Ultima comunhão	116
A morte.	117
Eternidade... ..	118
O poeta.. ...	120
Último canto... ..	123

ELEGIAS

Dedicatória.. ...	127
Mãe Dolorosa... ..	128
Junto dêle... ..	129
Nas trevas.	130
Olhar eterno... ..	132
No seu túmulo... ..	133
Delírio	134
Remorso.	135
No crepúsculo.	136
Sobresalto	139
Encantamento.	140
O que eu sou... ..	141
Minha alegria	143

	Pág.
Tristeza	144
A minha dôr	145
A mãe e o filho	147
Ausência... ..	148
Trágica recordação... ..	151
Idílio	152
De noite	153
Noites em claro... ..	154
Duas sombras	155
Lágrima	157
Canto heróico	158
Sôsinho	163
A tua imagem	164
A nossa dôr	167
Vida eterna	168
Memória	170
Depois da vida	171
Elegia final	172
Elegia da solidão	173 a 179

